



Prática de Ensino Supervisionada em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Patrícia Daniela Lixa Pinto

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Orientado por
Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho

Bragança
2011

Prática de Ensino Supervisionada em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Patrícia Daniela Lixa Pinto

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Este trabalho apresenta-se dividido em duas partes. Na primeira parte é feita uma reflexão acerca da prática do ensino supervisionada, desenvolvendo-se, na segunda parte, um trabalho de investigação sobre um tema relevante para a Educação Visual e Tecnológica, no Ensino Básico.

Orientado por
Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho

Bragança
2011

DEDICATÓRIA

“Criatividade é fazer castelos de areia – e torná-los reais ou até mais fantásticos.

Criatividade é sonhar sonhos impossíveis – e depois alcançá-los.

(...) Criatividade é tecer contos nas nuvens – e depois colonizar os espaços.

Criatividade é sentir o potencial da criança – e ajudá-la a desenvolvê-lo (...).”

Torrance

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero expressar a minha gratidão ao Professor Supervisor Luís Manuel Leitão Canotilho, pelo apoio científico e agradecer a sua disponibilidade que se revelou tão importante para a realização deste trabalho.

Agradeço ao Instituto Politécnico de Bragança, mais concretamente à Escola Superior de Educação, por me ter possibilitado a concretização do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, factor de suma importância no caminho que percorrerei na minha vida profissional.

Um obrigada aos meus pais pelo apoio e um agradecimento muito especial a todos os meus colegas e amigos que, em conversas informais, me ajudaram a superar algumas situações mais difíceis.

RESUMO

Este Relatório Final tem por objectivo apresentar uma reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido no âmbito da unidade curricular, Prática do Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, bem como uma investigação sobre um tema relevante para a Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico.

Na primeira parte, para além da reflexão faz-se uma contextualização e referência às actividades desenvolvidas durante a prática pedagógica, nomeadamente à disciplina de Expressão e Educação Plástica do 1º Ciclo, à disciplina de Educação Visual e Tecnológica do 2º Ciclo e no 3º Ciclo, às disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica.

No que se refere à parte da investigação, partindo da revisão bibliográfica, bem como da análise de ideias de autores, analisa-se a importância do papel do professor como facilitador do processo criativo e identificam-se os factores que podem estimular ou bloquear o desenvolvimento da criatividade dos alunos no âmbito do Ensino Básico.

Nesta sequência é apresentada uma reflexão sobre um plano de unidade implementado numa instituição educacional, ao longo da prática pedagógica, com vista a promover o desenvolvimento criativo. Os resultados gerais mostram que os alunos, mesmo sendo considerados, no início, convencionais, quando incentivados pelo professor, são capazes de desenvolver a criatividade.

ABSTRACT

This Final Report is to present a critical reflection on the work undertaken within the course Supervised Teaching Practice of the Masters in Visual and Technological Education in Basic Education, as well as a research on a topic relevant to Visual Education and Technology in Basic Education.

In the first part a reflection and a contextualization are made; besides there is a reference to activities during the teaching practice, particularly in the disciplines of Expression and Plastic Education - 1st cycle, Visual and Technological Education - 2nd cycle and Art and Technology Education - 3rd cycle.

In what the research part concerns, according to the review of literature and analysis of the authors' ideas, the importance of the teacher's role as a facilitator of the creative process is analyzed and the factors that can stimulate or block the development of creativity of students in basic education are identified.

This sequence presents a reflection on an unit plan implemented in an educational institution during the pedagogical practice, in order to promote the creative development. The overall results show that students, even if they are at first considered conventional, are able to develop their creativity whenever they are encouraged by the teacher.

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS USADOS

| ABREVIATURA | SIGNIFICADO |
|-------------|------------------------------------------|
| AEC | Actividades de Enriquecimento Curricular |
| CEB | Ciclo do Ensino Básico |
| EB | Ensino Básico |
| EB1 | Ensino Básico do 1º Ciclo |
| EB 2,3 | Ensino Básico do 2º e 3º Ciclo |
| ET | Educação Tecnológica |
| EV | Educação Visual |
| EVT | Educação Visual e Tecnológica |
| NEE | Necessidades Educativas Especiais |
| PES | Prática do Ensino Supervisionada |
| p. | página |
| pp. | páginas |
| s. d. | Sem data |
| vol. | volume |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 e 2 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EEP | 21 |
| Figura 3 e 4 - TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EEP | 21 |
| Figura 5 – EMBRULHO REALIZADO POR UMA ALUNA NA DISCIPLINA DE EEP | 22 |
| Figura 6 e 7 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EEP | 22 |
| Figura 8 – TRABALHO REALIZADO POR UM ALUNO NA DISCIPLINA DE EEP | 22 |
| Figura 9 – EXPLORAÇÃO DA TÉCNICA DA ESPONJA..... | 23 |
| Figura 10 – EXPLORAÇÃO DA TÉCNICA DO DECALQUE..... | 23 |
| Figura 11 – EXPLORAÇÃO DA TÉCNICA DA PINTURA SOPRADA..... | 24 |
| Figura 12 – TRABALHO FINAL REALIZADO NA DISCIPLINA DE EEP | 24 |
| Figura 13 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EVT | 30 |
| Figura 14 – EXPLORAÇÃO DA TÉCNICA DA PINTURA | 30 |
| Figura 15 e 16 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS, NA DISCIPLINA DE EVT: exploração de vários materiais..... | 31 |
| Figura 17 e 18 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS, NA DISCIPLINA DE EVT | 31 |
| Figura 19 – RELÓGIO EXECUTADO POR UMA ALUNA, NA DISCIPLINA DE ET..... | 39 |
| Figura 20 – CANDEEIRO REALIZADO POR UMA ALUNA, NA DISCIPLINA DE ET..... | 39 |
| Figura 21 – MÓVEL EM MADEIRA REALIZADO POR UMA ALUNA, NA DISCIPLINA DE ET..... | 39 |
| Figura 22 – JARRA REALIZADA POR UMA ALUNA, NA DISCIPLINA DE ET | 40 |
| Figura 23 – CARRO EM MADEIRA CONSTRUÍDO POR UM ALUNO, NA DISCIPLINA DE ET | 40 |
| Figura 24 e 25 – EXPLORAÇÃO DOS UTENSÍLIOS E FERRAMENTAS | 41 |
| Figura 26 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS, NA DISCIPLINA DE ET, UTILIZANDO DIFERENTES UTENSÍLIOS | 41 |
| Figura 27 e 28 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS, NA DISCIPLINA DE ET..... | 41 |
| Figura 29 e 30 – TRABALHOS REALIZADOS NA DISCIPLINA DE EV | 46 |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 31 e 32 – “CADAVRE EXQUIS” REALIZADOS NA DISCIPLINA DE EV..... | 47 |
| Figura 33 e 34 – COMPOSIÇÕES VISUAIS REALIZADAS NA DISCIPLINA DE EV | 47 |
| Figura 35 – COMPOSIÇÃO VISUAL REALIZADA NA DISCIPLINA DE EV | 47 |
| Figura 36 – POUCA EXPRESSIVIDADE NA COMPOSIÇÃO VISUAL..... | 81 |
| Figura 37 – FALTA DE PREOCUPAÇÃO NO QUE SE REFERE ÀS FORMAS DAS FOLHAS DAS ÁRVORES | 82 |
| Figura 38 – FALTA DE EQUILÍBRIO | 82 |
| Figura 39 – AUSÊNCIA DE HARMONIA NAS CORES UTILIZADAS..... | 82 |
| Figura 40 – ORGANIZAÇÃO DA COMPOSIÇÃO VISUAL | 83 |
| Figura 41 – UTILIZAÇÃO DAS CORES FRIAS E QUENTES..... | 83 |
| Figura 42 e 43 – PREOCUPAÇÃO NA UTILIZAÇÃO DAS CORES COMPLEMENTARES | 83 |

TABELAS

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1- GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO 1º CICLO: EEP | 20 |
| Tabela 2 – GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO 2º CICLO: EVT | 30 |
| Tabela 3 – GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO 3º CICLO: ET | 37 |
| Tabela 4 – GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO 3º CICLO: EV | 48 |
| Tabela 5 – PLANO DE UNIDADE IMPLEMENTADO NO 3º CICLO: Disciplina de Educação Visual | 79 |
| Tabela 6 – PLANO DE AULA 3.1. DE EV | 95 |
| Tabela 7 – PLANO DE AULA 3.2 DE EV | 97 |
| Tabela 8 – PLANO DE AULA 3.3 DE EV | 99 |
| Tabela 9 – PLANO DE AULA 3.4. DE EV | 101 |
| Tabela 10 – PLANO DE AULA 3.5 DE EV | 103 |
| Tabela 11 – PLANO DE AULA 3.6 DE EV | 105 |
| Tabela 12 – PLANO DE AULA 3.7 DE EV | 107 |
| Tabela 13 – PLANO DE AULA 3.8 DE EV | 109 |

ÍNDICE

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| PARTE I..... | 15 |
| 1. REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA | 15 |
| 1.1. PRÁTICA PEDAGÓGICA OU ESTÁGIO PEDAGÓGICO | 15 |
| 1.2. EXPERIÊNCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA | 16 |
| 1.2.1. EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO | 17 |
| 1.2.2. EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO..... | 26 |
| 1.2.3. EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO..... | 33 |
| 1.2.4. EDUCAÇÃO VISUAL NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO | 43 |
| 1.2.5. REFLEXÃO FINAL..... | 50 |
| PARTE II..... | 52 |
| 1. INVESTIGAÇÃO SOBRE UM TEMA RELEVANTE PARA A EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO ENSINO BÁSICO | 52 |
| 1.1. PROBLEMA | 52 |
| 1.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 55 |
| 1.2.1. A IMPORTÂNCIA DAS ARTES NO DESENVOLVIMENTO CRIATIVO..... | 55 |
| 1.2.2. CRIATIVIDADE | 59 |
| 1.2.3. INFLUÊNCIA DO MEIO NO PROCESSO CRIATIVO..... | 62 |
| 1.2.4. INFLUÊNCIA DA ESCOLA NO PROCESSO CRIATIVO | 64 |
| 1.2.5. O ALUNO E AS BARREIRAS NO PROCESSO CRIATIVO..... | 66 |
| 1.3. CONTRIBUTOS DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE..... | 68 |
| 1.4. METODOLOGIA | 74 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1.5. RESULTADOS..... | 81 |
| 1.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 85 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 88 |
| ANEXOS..... | 92 |
| APÊNDICES | 93 |
| APÊNDICE 1 – PLANOS DE AULA..... | 94 |
| APÊNDICE 2 - FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO - PLANO DE UNIDADE INTITULADO “TRAÇADOS GEOMÉTRICOS” | 110 |
| APÊNDICE 3 - DVD..... | 112 |

INTRODUÇÃO

Visando atender aos objectivos propostos neste Relatório Final, apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, segmenta-se a sua apresentação em duas partes, em consonância com a perspectiva teórica assumida.

Trata a primeira parte de uma reflexão crítica sobre as experiências de ensino – aprendizagem realizadas ao longo da prática do ensino supervisionada, abrangendo os vários níveis de educação ou ciclos de ensino e disciplinas, tais como: Educação e Expressão Plástica do 1º Ciclo do Ensino Básico, Educação Visual e Tecnológica do 2º Ciclo do Ensino Básico e Educação Tecnológica e Educação Visual, ambas do 3º Ciclo do Ensino Básico.

No que diz respeito à segunda parte deste Relatório Final é feita uma investigação sobre um tema relevante para a Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico. Assim, desenvolve-se uma investigação que consiste na detecção de um problema e apresenta-se um estudo baseado na vivência e na análise dos dados recolhidos numa escola. Esta investigação tem como objectivo evidenciar a criatividade no desenvolvimento do aluno e, ainda, repensar os objectivos do ensino da arte e a sua prática.

De seguida, apresenta-se uma revisão bibliográfica onde se faz uma abordagem à importância das artes no desenvolvimento criativo, seguindo-se algumas considerações a respeito da diversidade existente na definição do tema criatividade, através da opinião de vários autores.

Posteriormente faz-se uma exposição, numa perspectiva histórico-cultural, apresentando algumas considerações de Vygotsky, seguindo-se uma análise da importância do papel do professor como facilitador do processo criativo, bem como a identificação de alguns factores que podem estimular ou bloquear o desenvolvimento da criatividade dos alunos desenvolvendo aspectos que, na minha perspectiva, são fundamentais para facilitar o processo criativo dos alunos no âmbito do Ensino Básico.

A respeito da criatividade procura-se fazer compreender de que forma ela está relacionada com as interacções que o indivíduo tem com o meio em que vive, influenciando directa ou indirectamente aspectos de sua vida, interferindo ou não na apropriação dos conhecimentos e na sua transposição para a vida diária.

Finalmente são apresentadas todas as referências bibliográficas que subsidiaram a pesquisa, bem como os anexos e apêndices.

Com isso, espero que a presente investigação possa proporcionar aos professores, alunos e todos aqueles que se interessam pelo estudo das concepções de criatividade, uma reflexão sobre a importância desta no processo educativo.

PARTE I

1. REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA

1.1. PRÁTICA PEDAGÓGICA OU ESTÁGIO PEDAGÓGICO

A Prática Pedagógica é uma parte do currículo muito importante na formação dos futuros professores porque permite a experiência e aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer da formação académica.

A importância da Prática na Formação Inicial de Professores é realçada no documento de trabalho do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas sobre a Formação de Professores no Portugal de Hoje: *“A experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que a formação inicial não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), pois tem de integrar uma componente prática e reflexiva”* (ALARCÃO, I.; FREITAS, C. V.; PONTE, J. P.; ALARCÃO, J.; & TAVARES, M. J. F., 1997, p. 8).

Apesar da existência de vários modelos de formação nas instituições de Ensino Superior que formam professores, o Estágio Pedagógico ou a Prática Pedagógica parece ser, também na perspectiva dos formandos, uma das componentes mais valorizadas na sua formação. Esta componente curricular representa a oportunidade de alunos, futuros professores, exercerem, com supervisão pedagógica, a sua actividade profissional.

O estágio é o momento de superação da separação entre teoria e prática, é a aproximação entre a realidade e a actividade teórica; esta aproximação deverá acontecer no colectivo entre alunos e professores orientadores criando bases para análises críticas. *“O estágio é actividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objecto da práxis. Ou*

seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá”, conforme aponta PIMENTA E LIMA (2004, p. 45).

1.2. EXPERIÊNCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA

A comunicação através da manipulação de cores e de formas é uma realidade que existe desde os primórdios da vida humana. Desta forma o homem que não conhecia a linguagem textual transmitia as suas ideias e pensamentos. Vestígios destes actos de comunicação existem ainda hoje em cavernas, em templos, em pinturas, esculturas representando várias épocas e culturas.

A compreensão destas mensagens, na escola de hoje, torna-se possível com o conhecimento dos códigos que constituem este tipo de linguagem (que se aprende na escola do mesmo modo que a linguagem das palavras), e cuja aprendizagem é feita através do trabalho desenvolvido pelos professores nas disciplinas das Artes Visuais.

Diante da velocidade com que a informação se desloca, diante de um mundo em constante mudança, o papel do professor vem mudando, nas tarefas de educar, de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária, considerando nessas a importância dos seus diversos saberes. Assim, o professor tem de se tornar num aprendiz permanente, num construtor de sentidos e saberes, num cooperador, num organizador da aprendizagem, resgatando da sua vida pessoal e profissional alternativas para o enriquecimento das suas aulas.

Deste modo, a frequência do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico tem-me proporcionado momentos de reflexão, aquisição de novos conhecimentos, experiências diversificadas e enriquecedoras e vivências gratificantes.

Vejamos como a prática do ensino supervisionada realizada nos três ciclos do Ensino Básico, às disciplinas de Expressão e Educação Plástica, Educação Visual e Tecnológica, Educação Tecnológica e Educação Visual, foi uma experiência importante para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

1.2.1. EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

“O termo «Expressão Plástica» foi adoptado pela educação pela arte portuguesa, para designar o modo de expressão – criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos” (SOUSA, A., 2003, p. 159).

A área da Expressão e Educação Plástica contribui de maneira importante para o desenvolvimento harmonioso e integral da criança. O convívio com a Expressão Plástica contribui para um olhar mais afinado sobre o mundo que nos rodeia, ajudando a desenvolver e ampliar competências em diferentes dimensões, no sentido de formar pessoas mais atentas, mais capazes de pensar e de compreender a realidade, mais aptas a intervir qualitativamente no quotidiano.

A criatividade e a motivação nas tarefas de expressão plástica, bem como a sua articulação com as outras áreas do currículo, constituem vectores de primeira instância no desenvolvimento integral do aluno.

A realização de actividades e experiências diversas e sistemáticas, utilizando materiais e técnicas variadas, desenvolve na criança a imaginação, o gosto pela investigação, estimula a curiosidade e a criatividade, permite a autocrítica, evitando que a criança seja tímida e insegura.

Proporcionam ainda a aquisição de saberes e competências integrando o saber e o saber fazer.

Para tal é necessário criar condições, organizar espaços adequados, que permitam à criança expressar os seus sentimentos e emoções e conduzi-la à exploração, invenção e produção, tal como é referido no documento **DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2004)** *“A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade (p. 89).*

Ainda, de referir de acordo com este documento, *“A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies” (Ibidem).*

Também a importância da sensibilidade e do gosto pessoal são aqui mencionados: *“A possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas*

experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista” (Ibidem).

Conforme é referido por **LOWENFELD (1957)** “A educação em arte, introduzida nos primeiros anos da infância, pode muito bem significar a diferença entre um ser humano criativo e flexível e um outro que, apesar de toda a aprendizagem, não será capaz de a aplicar e continuará a ser um indivíduo a quem faltam recursos interiores e tem dificuldades no relacionamento com o seu envolvimento. Porque compreensão, pensamento e sentimento são enfatizados de igual modo em qualquer processo criativo, a arte pode muito bem ser o equilíbrio necessário ao intelecto e às emoções da criança” (p. 2).

A prática do ensino supervisionada (PES) desenvolvida no 1º Ciclo, em Expressão e Educação Plástica, decorreu na Escola EB1 de Lamego n.º2, supervisionada pelo Professor Doutor Luís Canotilho e com a cooperação da Professora Maria Deolinda Monteiro dos Santos.

A prática pedagógica iniciou-se com uma aula de observação que me permitiu um conhecimento da turma, a sua constituição, bem como a sua maneira de estar. A segunda aula de intervenção facilitou-me um contacto mais próximo e uma melhor percepção da realidade da mesma, tendo-se seguido doze aulas da minha responsabilidade.

A turma era bastante heterogénea, pois existiam alunos com muitas dificuldades de aprendizagem, a vários níveis. Alguns dos que estavam ao nível do 3º ano revelavam muitas dificuldades na escrita e raciocínio lógico. Também se destacavam outros alunos por revelarem dificuldade em construir um pequeno texto, dando bastantes erros ortográficos e na resolução de pequenas situações problemáticas. Os restantes alunos eram bastante satisfatórios e alguns excelentes.

Quanto ao comportamento, era uma turma muito faladora, perturbando muitas vezes o bom funcionamento das actividades escolares.

Como identificação de problemas merece referência a existência de alguns alunos com comportamentos inadequados, dificuldades de concentração, dificuldades na elaboração de textos escritos com erros ortográficos e de construção frásica, cálculo mental pouco exercitado, lacunas de aprendizagem e falta de hábitos de estudo.

É importante referir que o aluno número quatro, Carlos Manuel Cardoso Fernandes apresentava graves dificuldades na sua aprendizagem. Quanto ao comportamento e atitudes, o aluno revelava falta de autonomia e iniciativa nas actividades propostas devido ao seu fraco poder de atenção/concentração. Face às actividades propostas, negava-se frequentemente a realizá-las,

justificando-se com afirmações como: “não sei”, “não quero”, “não faço”... Nas tarefas que ia desenvolvendo, com a insistência decorrente de um trabalho muito individualizado por parte da professora, dispersava-se com muita facilidade, nem sempre concluindo e concretizando as suas tarefas.

Apresentava, com maior incidência no período da tarde, comportamentos desajustados dentro da sala de aula, sempre na tentativa de concentrar sobre si as atenções e a hilaridade dos colegas, impedindo o normal desenvolvimento das actividades.

Revelava uma baixa auto-estima e reduzidas expectativas de auto-eficácia face à aprendizagem, tendo dificuldades em obedecer a instruções.

Sentia ainda dificuldades em controlar as suas emoções e superar situações de insegurança e conflito. Quando contrariado, reagia com comportamentos desajustados, chegando mesmo a revelar agressividade para com os colegas.

Atendendo ao facto de esta turma, globalmente, ter já demonstrado um grande interesse pela disciplina de Expressão e Educação Plástica, tive como primeira preocupação transmitir aos alunos um conjunto de informações e sugestões susceptíveis de proporcionar aos alunos a experimentação de novas técnicas e materiais.

Em face disto, a turma em geral apresentou resultados bastante satisfatórios, à excepção de alguns alunos que, no entanto, não deixaram de produzir trabalhos positivos.

Para tal contribuiu o desempenho e a motivação de todos os alunos, por mim sempre apoiados, procurando potenciar ao máximo as suas capacidades e o seu interesse.

No referente às unidades curriculares desenvolvidas na turma, é de salientar que houve a preocupação de as trabalhar nas diferentes áreas de exploração, o que se pode verificar na tabela seguinte.

| ÁREAS DE EXPLORAÇÃO | UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NAS DIFERENTES ÁREAS DE EXPLORAÇÃO |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Descoberta e organização progressiva de volumes: <ul style="list-style-type: none">✓ Modelagem e Escultura;✓ Construções. | Unidade Curricular Nº 1: Cesto das Amêndoas Unidade Curricular Nº 2: Embalagem Unidade Curricular Nº 3: Copos Decorativos |

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Descoberta e organização progressiva de superfícies:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenho: <ul style="list-style-type: none"> • Desenho de expressão livre; • Actividades Gráficas sugeridas. ✓ Pintura: <ul style="list-style-type: none"> • Pintura de expressão livre; • Actividades de pintura sugerida. | <p>Unidade Curricular Nº 2: Embalagem</p> <p>Unidade Curricular Nº 3: Copos Decorativos</p> <p>Unidade Curricular Nº 4: Expressão Livre</p> |
| <p>Exploração de técnicas diversas de expressão:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Recorte, Colagem e Dobragem; ✓ Impressão; ✓ Tecelagem e costura; ✓ Fotografia; ✓ Transparências; ✓ Meios audiovisuais; ✓ Cartazes. | <p>Unidade Curricular Nº 1: Cesto das Amêndoas</p> <p>Unidade Curricular Nº 2: Embalagem</p> <p>Unidade Curricular Nº 3: Copos Decorativos</p> <p>Unidade Curricular Nº 4: Expressão Livre</p> |

Tabela 1- GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO 1º CICLO: EEP

Estando ciente de que a realização de trabalhos relacionados com a comemoração de dias específicos é prática corrente dos alunos do primeiro ciclo e de acordo com o pedido da professora Cooperante, previ a abordagem dos mesmos na minha planificação. Não deixei no entanto de proporcionar aos alunos a oportunidade de experimentarem um conjunto variado de técnicas e materiais de expressão plástica.

Neste contexto, no primeiro plano de unidade, promovi à turma a realização de um cesto das amêndoas onde os alunos tiveram de reutilizar pacotes de leite para a execução do mesmo, procedendo de seguida à sua decoração utilizando a técnica dos mosaicos de papel.

De seguida apresentam-se algumas fotografias onde é possível visualizar alguns trabalhos realizados pelos alunos.



Figura 1 e 2 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EEP

Na unidade curricular intitulada “Embalagem”, a turma teve oportunidade de pintar com tintas de água retalhos de cartolinas para posteriormente construírem uma caixa de papel. Depois da realização desta tarefa foi entregue a cada aluno uma planificação de uma embalagem com a qual aprenderam a construir uma caixa de papel, utilizando o recorte e a dobragem, seguindo as minhas orientações e exemplificações [Figura 3 e 4].



Figura 3 e 4 - TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EEP

De seguida, foi-lhes fornecido material diverso para a decoração e embrulho da embalagem, onde cada aluno teve a oportunidade de se exprimir de forma pessoal e de sentir o prazer das múltiplas experiências realizadas.



Figura 5 – EMBRULHO REALIZADO POR UMA ALUNA NA DISCIPLINA DE EEP

Das unidades curriculares desenvolvidas tenho a salientar a intitulada “Copos Decorativos”, visto que a concretização da mesma permitiu ver uma grande motivação e empenho por parte de todos os alunos o que, na minha perspectiva, se deveu à oportunidade que os mesmos tiveram de experimentar, manusear e trabalhar materiais diferentes, a saber: sal grosso de cozinha, giz de cor, fios de lã, retalhos de tecidos, tules, vários tipos de papéis, plásticos, entre outros.

De seguida é possível ver alguns trabalhos executados pelos alunos.



Figura 6 e 7 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EEP



Figura 8 – TRABALHO REALIZADO POR UM ALUNO NA DISCIPLINA DE EEP

O último plano de unidade, intitulado “ Expressão Livre” proporcionou aos alunos a experiência de desenhar e pintar sobre papel de cenário de grandes dimensões. O tema era livre e o mais importante era a valorização da imaginação e criatividade do aluno. Quanto ao material, foram-lhes disponibilizados vários meios riscadores, como por exemplo, grafite, canetas, lápis de cor, marcadores de ponta fina e grossa, tinta-da-china, bem como réguas, esquadros, tinta de água, pincéis, esponjas, rede, entre outros. No que diz respeito às técnicas, expliquei e exemplifiquei algumas delas que os alunos tiveram oportunidade de utilizar e experimentar no decorrer do trabalho, assim como monotípias, pintura soprada, técnica da esponja, pintura em simultâneo com materiais diferentes, técnica da impressão com barras de sabão, etc. [Figura 9, 10, 11 e 12].

É de referir que nesta unidade curricular o mais importante era a experimentação dos vários materiais, bem como a aplicação das técnicas e não tanto o produto final.



Figura 9 – EXPLORAÇÃO DA TÉCNICA DA ESPONJA



Figura 10 – EXPLORAÇÃO DA TÉCNICA DO DECALQUE

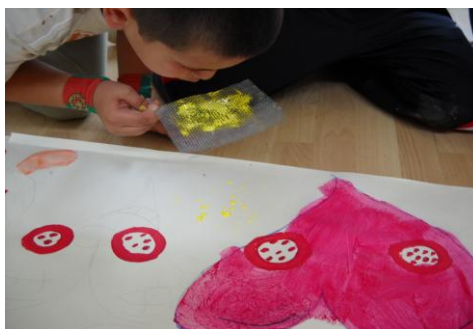


Figura 11 – EXPLORAÇÃO DA TÉCNICA DA PINTURA SOPRADA



Figura 12 – TRABALHO FINAL REALIZADO NA DISCIPLINA DE EEP

Assim, no que se refere à PES desenvolvida no 1º Ciclo, em Expressão e Educação Plástica, apesar de já ter tido a oportunidade de leccionar anteriormente no Ciclo em questão a mesma área, levou-me a adquirir novos métodos, uma postura mais adequada a este nível de ensino, bem como incutir às crianças o gosto pela Arte em geral.

Também é importante referir que, na maioria dos planos de unidade, foi realizada uma abordagem à reutilização de materiais. Esta teve como principal objectivo, incutir aos alunos o sentido estético, respeitando a Natureza, extraíndo “do lixo” os materiais que possam vir a ser úteis para a execução de trabalhos, sugerindo-lhes assim, que se podem criar objectos de Arte a partir de materiais reutilizáveis, como, por exemplo, pacotes de leite, revistas, embalagens de cereais, entre outros. Foi uma forma de mostrar às crianças que tudo se aproveita, sem prejuízo do meio ambiente.

Um outro objectivo relevante foi a possibilidade de as crianças se exprimirem de forma pessoal e terem prazer nas múltiplas experiências realizadas, o que me permitiu ver estampado nos seus rostos, o gosto e entusiasmo por tudo o que desenvolveram.

Como já foi referido, no 1º Ciclo, os alunos estão habituados a comemorar e realizar trabalhos

relacionados com dias específicos. Como tal, a pedido da Professora Cooperante, tive em atenção este dado, contemplando assim, nos planos de unidade, a abordagem dos mesmos. No entanto, as aulas por mim leccionadas, tiveram como principal objectivo dar a conhecer e, simultaneamente, proporcionar aos alunos a oportunidade destes experimentarem um vasto número de técnicas e materiais de expressão plástica.

Quanto aos meios utilizados, usei uma linguagem simples mas sem descurar os termos técnicos; tive também a preocupação de mostrar à turma exemplos de trabalhos anteriormente realizados por outros alunos; tratei cada um de igual modo, sem comparar nem seleccionar, aceitando assim o trabalho de cada criança.

Como já foi referido anteriormente, já tive a oportunidade de leccionar no 1º Ciclo do Ensino Básico a disciplina de Expressão Plástica pertencente às Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC). Contudo, compilando as experiências adquiridas na leccionação da disciplina referida anteriormente com a experiência da prática do ensino supervisionada, reconheço que senti algumas dificuldades no que se refere aos materiais e ao espaço físico.

A falta de verbas por parte das escolas / agrupamentos dificulta o professor no que diz respeito à elaboração / concretização dos planos de unidade. Como tal, por já ter algum conhecimento das limitações, optei pela adopção da reutilização de materiais na maioria das actividades propostas aos alunos.

No que diz respeito ao espaço físico, a experiência que tive na PES no ciclo em questão, revelou-se positiva pelo facto de, dentro da sala de aula, existirem lavatórios que facilitaram a lavagem dos materiais de pintura, entre outros, sem que os alunos precisassem de se ausentar da sala o que acontecia nas escolas onde já tinha leccionado. Como aspecto negativo merece referência, no que se refere à sala de aula da turma onde desenvolvi a prática pedagógica, o facto de esta estar mobilada com mesas muito pequenas e de diferentes tamanhos, prejudicando assim os trabalhos em grupo e impedindo os alunos de terem em cima da sua mesa vários materiais ao mesmo tempo.

Estou certa que a livre experiência através de diferentes expressões artísticas permite à criança uma maior liberdade de expressão emocional e, conseqüentemente, uma base sólida para as aquisições cognitivas. Assim, acredito que o papel do professor, no 1º Ciclo, passa por dar possibilidade às crianças de explorarem livremente os materiais e meios de Expressão Plástica, colocando-as a mexer e a experimentar tudo o que estiver ao seu alcance, sendo isso mais importante do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista; daí o dizer-se que «a experiência é

a mãe de toda a ciências».

Estou convicta que, nesta PES realizada no 1º Ciclo do Ensino Básico, proporcionei aos alunos momentos de criatividade, de satisfação, descontração e realização de actividades lúdicas relacionadas com a Expressão Plástica.

A possibilidade de dar a experimentar os mais variadíssimos tipos de materiais reutilizáveis, utilizar todo o tipo de técnicas de trabalho permitiu-me ver com que satisfação os alunos realizavam as actividades. O empenho que os mesmos demonstraram proporcionou-me uma gratificante recompensa de todo o meu esforço enquanto docente de Expressão e Educação Plástica.

1.2.2. EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

“Situada como ponte entre os 1º e 3º ciclos do Ensino Básico, cabe à Educação Visual e Tecnológica estabelecer a transição entre os valores e as atitudes que se pretende promover ao longo de toda a escolaridade obrigatória” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PROGRAMAS DO 2º CICLO, 1991, p. 195).

Dentro desta perspectiva o documento refere ainda que: *“... entre as explorações plásticas e técnicas difusas, através das experiências globalizantes do 1º ciclo e uma Educação Visual com preocupações marcadamente estéticas, ou uma Educação Tecnológica com preocupações marcadamente científicas e técnicas no 3º ciclo, cabe à Educação Visual e Tecnológica promover a exploração integrada de problemas estéticos, científicos e técnicos com vista ao desenvolvimento de competências para a fruição, a criação e a intervenção nos aspectos visuais e tecnológicos do envolvimento” (Ibidem).*

Este documento reforça ainda a importância desta disciplina ao referir: *“A Educação Visual e Tecnológica promoverá, pois, a articulação dos aspectos históricos, físicos, sociais, económicos, de cada situação estudada, com a compreensão, a criação e a intervenção nos domínios da tecnologia. E da estética através de um processo integrado em que a reflexão sobre as operações e a compreensão dos fenómenos são motores da criatividade.*

Tudo isto se vai desenvolver essencialmente a partir da acção onde fantasia e a liberdade de expressão, tão importantes nesta fase etária, estão sempre presentes” (Ibidem).

Como já foi referido, a Educação Visual e Tecnológica (EVT) é uma disciplina que pretende promover o desenvolvimento do sentido estético, científico e técnico. Junta, assim, dois campos de formação, a artística – a Educação Visual - e a técnica – a Educação Tecnológica, de modo a explorar a relação dialéctica indivíduo / sociedade e a incentivar a participação activa dos alunos, motivando-os a identificarem problemas e a criarem soluções.

Tendo como objectivo a formação de cidadãos actuantes no seu meio envolvente, a disciplina desenvolve-se segundo uma pedagogia centrada nos conteúdos do programa e no relacionamento do aluno com o meio e com os outros. Nesta perspectiva, o professor deve ter em conta a diversidade existente, tanto de aluno para aluno, como de turma para turma.

A disciplina de EVT é importante para o desenvolvimento dos conhecimentos, da criatividade, para a capacidade de construir e realizar e desenvolver a capacidade de comunicar, exprimindo ideias e sentimentos através dos mais variados meios.

Neste grau de ensino, a disciplina tem como finalidade desenvolver nos alunos a percepção, a sensibilidade estética, a criatividade, a capacidade de comunicação, o sentido crítico, as aptidões técnicas e manuais, o entendimento do mundo tecnológico, o sentido social e a capacidade de intervenção e de resolver problemas.

É importante referir que as unidades de trabalho devem centrar-se em situações e problemas bem definidos, que devem fazer parte do quotidiano dos alunos e, assim, suscitar o seu interesse.

A disciplina de Educação Visual e Tecnológica é orientada para a autonomia dos alunos e a criação de hábitos de pesquisa. Pretende-se a máxima liberdade, tanto relativamente aos interesses dos alunos como às formas de registo, de exploração de respostas e de apresentação das ideias, no sentido de permitir o máximo desenvolvimento da criatividade.

A EVT tem três componentes principais: a Visual, a Tecnológica e o Desenvolvimento Pessoal e Social, que se interligam. Está dividida em três grandes campos: equipamento, ambiente e comunidade.

Existem também várias áreas de Exploração, para que os alunos possam desenvolver a criatividade e dar expressão às ideias, a saber: construção, desenho, pintura, impressão, recuperação/manutenção de materiais, modelação / moldagem, entre outras.

Ao professor caberá essencialmente estimular a procura do maior número possível de respostas, promover a reflexão sobre as técnicas e os meios adequados, a sua inventariação e exploração e apoiar, quando necessário.

A PES desenvolvida no 2º Ciclo, em Educação Visual e Tecnológica decorreu na Escola Básica e Secundária da Sé - Lamego, supervisionada pelo Professor Doutor Luís Canotilho e com a cooperação dos Professores Marcelo Santos e Vânia Alves que, embora algo renitentes de início, talvez por desconhecimento do tipo de trabalho que seria realizado, acabaram por aceitar a cooperação, tendo dado um contributo importante para o desenvolvimento da minha prática pedagógica.

A PES iniciou-se com uma aula de observação que me permitiu um conhecimento da turma, da sua constituição, bem como da sua maneira de estar. A segunda aula de intervenção permitiu-me um contacto mais próximo e uma melhor percepção da realidade da turma, seguindo-se treze aulas da minha responsabilidade.

A turma era constituída por vinte e cinco alunos, sendo dezassete do sexo masculino e oito do sexo feminino com uma média de idades de onze anos.

A turma revelava um comportamento irregular e um aproveitamento, no geral, satisfatório. No entanto, alguns alunos eram bastante conversadores na sala de aula. A turma em geral revelava dificuldades de atenção e concentração, falta de hábitos e métodos de organização no trabalho e estudo bem como dificuldade em moderar a participação desordenada.

É ainda de salientar que nesta turma existiam alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) que eram acompanhados pelas professoras de Educação Especial.

Quanto às unidades curriculares desenvolvidas na turma, é de referir que houve a preocupação de trabalhar os conteúdos nas diferentes áreas de exploração, como se pode verificar na tabela seguinte.

Professora Estagiária Patrícia Pinto

| CAMPOS | | Ambiente ☒ | | | Comunidade ☒ | | | Equipamento ☒ | | | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|-----------|--------------|-----------|---------|---------------|--------|-----------|----------|---|
| Conteúdos Básicos | Comunicação | Energia | Espaço | Estrutura | Forma | Geometria | Luz/Cor | Material | Medida | Movimento | Trabalho | |
| | Problemática do sentido Codificações Imagem na comunicação Fontes de energia – recursos energéticos Formas de energia Transformação de energia Relatividade da posição dos objectos no espaço Organização do espaço Representação do espaço Estrutura das formas Estrutura dos materiais Elementos da forma Relação entre as formas e os factores que as condicionam Valor estético da forma Formas e estruturas geométricas no envolvimento Formas e relações geométricas puras Operações constantes na resolução de diferentes problemas | Natureza da cor A cor no envolvimento Simbologia da cor Origem e propriedades Transformação de matérias-primas Impacto ambiental Métodos de medição Unidades de medida Instrumentos de medição Tipos de movimento Produção de movimento Representação do movimento Relação Técnicas e Materiais Produção e Organização Higiene e segurança | | | | | | | | | | |
| Alimentação | | | | | | | | | | | | |
| Animação | | | | | | | | | | | | |
| Construções | | | | | | | | | | | X | X |
| Desenho | | | X | | X | X | | | | | | |
| Fotografia | | | | | | | | | | | | |
| Horto – -Floricultura | | | | | | | | | | | | |
| Impressão | | | | | | | X | | | | | |
| Mecanismos | | | | | | | | | | | | |
| Modelação Moldagem | | | | | X | | | | | | X | X |
| Pintura | X | | | | | | X | | | | | X |
| Recup./ Manut. De Equipamentos | | | | | | | | | | | | |
| Tecelagens e tapeçarias | | | | | | | | X | | | | |
| Vestuário | | | | | | | | | | | | |

Tabela 2 – GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO 2º CICLO: EVT

Relativamente à unidade curricular intitulada “Arco – Íris do Rosto” os alunos utilizaram sobretudo a técnica do desenho e da pintura, abordando e trabalhando os conteúdos do rosto e da cor, como se pode verificar na fotografia apresentada a seguir.



Figura 13 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EVT

No que diz respeito à unidade curricular “Reutilizarte” houve a preocupação de abordar o tema da política dos 3 R’s (reduzir, reciclar e reutilizar), mais concretamente a reutilização dos materiais, dando assim oportunidade à turma de experimentar e explorar diferentes materiais e técnicas na execução dos projectos propostos.

De seguida, são apresentadas algumas fotografias referentes aos trabalhos elaborados no plano de unidade intitulado “Reutilizarte”.



Figura 14 – EXPLORAÇÃO DA TÉCNICA DA PINTURA



Figura 15 e 16 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS, NA DISCIPLINA DE EVT: exploração de vários materiais



Figura 17 e 18 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS, NA DISCIPLINA DE EVT

Neste contexto é importante referir que esta turma revelou desde início, na aula de observação, desmotivação e algum desinteresse pela disciplina. Daí ter sido para mim um factor de preocupação a procura de processos que pudessem contribuir para alterar, de algum modo, esta situação.

Assim, optei por aulas de carácter mais prático e com recurso a novas experiências que, aos poucos, acabaram por tornar os alunos mais interessados nas actividades.

Em face disto, os resultados obtidos pelos alunos foram satisfatórios, verificando-se um grande empenhamento da parte de todos, factos que mereceram o reconhecimento da parte dos professores cooperantes.

Esta mudança de atitude dos alunos perante a disciplina tornou-se ainda mais visível no caso de um aluno com Necessidades Educativas Especiais que, ao contrário do que se tinha verificado até então, passou a participar de forma mais activa em todas as actividades propostas.

Contudo, na PES desenvolvida no 2º Ciclo do Ensino Básico, tive como principal objectivo promover nos alunos a criatividade recorrendo à expressão plástica e à exploração de tecnologias de produção de diferentes estruturas.

Como detentora de alguns conhecimentos, tive o cuidado de dar a oportunidade à turma de experimentar e explorar técnicas e materiais que nunca antes tinha manuseado e experimentado.

Preocupei-me em abordar o tema da política dos 3 R's despertando nos alunos o gosto pela Preservação do Ambiente / Natureza, extraíndo "do lixo" os materiais para a execução dos projectos a realizar. Assim, tive o cuidado de mostrar exemplos de trabalhos já executados anteriormente, por outros alunos, a partir de materiais reutilizáveis.

Por outro lado, proporcionar aos alunos a possibilidade de utilizarem um conjunto diverso de técnicas de trabalho com a utilização de variadíssimos tipos de materiais reutilizáveis, foi bastante gratificante para o desenvolvimento do meu trabalho pelo facto de ter observado um forte empenho por parte deles nestas actividades.

A confiança que senti em alcançar estes desideratos tornou mais crescente o meu entusiasmo e a minha dedicação à preparação dos planos de unidade, ficando ansiosamente a aguardar os resultados da sua aplicação prática.

A prática do ensino supervisionada na disciplina de Educação Visual e Tecnológica foi, sem dúvida, uma mais-valia dentro do meu campo de aprendizagem do que é ser professor, pois foi bastante agradável o trabalho com crianças destas idades, que se mostraram bastante motivadas para todas as tarefas que lhes apresentei.

A natureza da disciplina acentua, na componente experimental que se traduz em actividades orientadas no sentido de desenvolver a expressão, a criatividade e a autonomia do aluno.

Assim, o grande desafio da prática pedagógica em questão foi promover experiências de aprendizagem capazes de proporcionarem a descoberta, de construírem o conhecimento, de desenvolverem a sensibilidade estética e a capacidade de criar e exprimir uma relação com o mundo.

A mesma permitiu-me a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de competências pedagógicas neste nível de ensino e a procura e experimentação de metodologias diversificadas e motivadoras para os alunos. Foi igualmente objectivo constante a preocupação de incutir nos alunos o gosto pela Arte, desenvolver a sua sensibilidade estética e sensibilizá-los para a importância da reutilização de materiais. Para além disso, o trabalho desenvolvido proporcionou aos alunos momentos de criatividade e descontração.

A possibilidade de dar a experimentar os mais variados tipos de materiais reutilizáveis, de utilizar diversas técnicas que proporcionam aos alunos empenho e gosto por tudo o que realizaram, resultou numa gratificante recompensa de todo o esforço que apliquei enquanto docente de Educação Visual e Tecnológica.

1.2.3. EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Como está designado no documento das **Orientações Curriculares de Educação Tecnológica, do 3º Ciclo do Ensino Básico (2001, p. 3)**, a Educação Tecnológica assume, no 3º Ciclo do Ensino Básico (CEB), a sua autonomia e especificidade.

“É uma disciplina de formação geral, destinada a todos os alunos, de construção curricular própria. Centrada no objecto técnico, estrutura-se a partir de competências universais que promovem o pensamento tecnológico, operações cognitivas e experimentais da técnica, através de aprendizagens realizadas em ambientes próprios, mobilizando e transferindo conhecimentos tecnológicos e de outras áreas, procurando dar um sentido integrado ao trabalho escolar e à formação pessoal” (Ibidem).

A Educação Tecnológica (ET) é uma disciplina em que se desenvolvem competências sobre as diferentes actividades técnicas e sobre os fundamentos das transformações sociais e dos impactos ambientais causados pelo progresso tecnológico, que nos vão ajudar a desenvolver o entendimento do mundo tecnológico.

É também uma disciplina em que se adquirem conhecimentos e posturas sobre as aplicações práticas da tecnologia, as suas linguagens e sistemas de comunicação utilizados que ajudam a desenvolver o espírito científico e as aptidões técnicas e manuais.

Permite ainda a aquisição de métodos de organização, pesquisa e planeamento no trabalho que ajudam a desenvolver a capacidade de resolver problemas e o sentido social e interventivo.

A ET remete para a compreensão prática / teórica, manipulação e conhecimento, aprendizagem e reflexão da técnica e de práticas de utilização racional da natureza dos objectos, que incorpora não só os elementos científicos indispensáveis à aquisição dessa capacidade de utilização, como também os elementos científicos e cívicos necessários à compreensão dos contextos de utilização, isto é, dos processos e da organização do trabalho.

Hoje, a disciplina de ET utiliza como componentes constantes instrumentos, linguagens e processos específicos enquadrados por conhecimentos das actividades técnicas e dos seus contextos históricos, sociais e económicos.

Assim, os professores podem desenvolver um processo de ensino - aprendizagem tendo como estrutura de referência:

- ✓ a tecnologia e a sociedade que enquadram o tipo de actividades técnicas, as transformações sociais e os impactos causados pelo desenvolvimento tecnológico;
- ✓ os processos tecnológicos que identificam métodos de organização de trabalho e fornecem técnicas de recolha e tratamento de dados;
- ✓ os conceitos, princípios e operadores tecnológicos que tratam dos meios usados nas actividades técnicas e nas aplicações práticas (**Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, s. d.**).

Por esta razão, a tónica deverá ser colocada numa Educação Tecnológica orientada para a cidadania, valorizando os múltiplos papéis do cidadão utilizador, através de competências transferíveis, válidas em diferentes situações e contextos (*Ibidem*).

O Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (s. d.) chama a atenção para o facto de que *“A Educação Tecnológica deverá concretizar-se através do desenvolvimento e aquisição de competências, numa sequência progressiva de aprendizagens ao longo da escolaridade básica, tendo como referência o pensamento e a acção perspectivando o acesso à cultura tecnológica. Essas aprendizagens deverão integrar saberes comuns a outras áreas curriculares e desencadear novas situações para as quais os alunos mobilizam, transferem e aplicam os conhecimentos adquiridos gradualmente”* (p. 191).

Educar tecnologicamente não é só ensinar e aprender a trabalhar com máquinas. Podemos ter

o melhor computador, mas se não soubermos trabalhar com ele, de nada nos servirá e, se não soubermos escrever correctamente, por mais correctores ortográficos que utilizemos, não conseguimos corrigir todos os nossos erros.

Nos dias que correm, quando a situação mais fácil é comprar o que é novo e deitar fora o que está estragado, é importante chamar a atenção dos alunos para pequenos trabalhos que todos deveremos aprender a realizar.

A disciplina de Educação Tecnológica, como o próprio nome deixa entender, deve ser um espaço de ensino onde o aluno possa adquirir uma aprendizagem no domínio da tecnologia e da técnica, capaz de lhe possibilitar a análise e a resolução de situações concretas.

Ela procura, por isso, contribuir para um enriquecimento da cultura tecnológica, através de uma melhor compreensão do mundo tecnológico onde todos nos inserimos.

Estando a tecnologia presente no nosso quotidiano, desde o objecto doméstico mais simples ao sistema industrial mais sofisticado, é necessária uma formação escolar em tecnologia que habilite o aluno a dominar conceitos e operações básicas, a compreender problemas sociais e éticos, a participar crítica e construtivamente na resolução de problemas, a utilizar instrumentos técnicos, face ao papel transformador da tecnologia. Como tal, a Educação Tecnológica deve ser orientada para a promoção da cidadania, valorizando os múltiplos papéis do cidadão utilizador, definindo um cidadão tecnologicamente competente, capaz de apreciar e considerar as dimensões sociais, culturais, económicas, produtivas e ambientais resultantes do desenvolvimento tecnológico.

Em sequência, pretende-se que ela desenvolva no aluno o espírito científico, a capacidade de análise e comunicação, o sentido crítico e social e aptidões técnicas e manuais.

A PES desenvolvida no 3º Ciclo, em Educação Tecnológica, decorreu na Escola EB 2,3 de Lamego, supervisionada pelo Professor Doutor Luís Canotilho e com a cooperação do Professor António Meireles. Devo referir que conseguir uma escola onde desenvolver a prática pedagógica neste ciclo se revelou algo difícil, acabando por ter sido aceite nesta escola e por ter usufruído da cooperação do professor António Meireles, facto que merece o meu reconhecimento.

Desenvolvi o meu trabalho docente na turma 2 do 7º Ano de Escolaridade que era composta por 12 alunos do sexo masculino e 16 do sexo feminino vivendo a grande maioria nos arredores da cidade de Lamego.

Nesta turma 50% dos alunos eram abrangidos pelo escalão A ou B, o que significava que grande parte dos alunos da turma tinha dificuldades económicas.

A maioria dos pais dos alunos possuía formação básica (4º, 6º e alguns o 9º ano de Escolaridade), havendo poucos casos de formação média ou superior.

A turma revelava um comportamento pouco satisfatório e os alunos eram bastante conversadores, perturbando muitas vezes o bom funcionamento das actividades escolares. Era considerada heterogénea, pois existiam alunos com muitas dificuldades de aprendizagem, a vários níveis, e outros com bom aproveitamento.

Como identificação de problemas, de realçar que alguns alunos tinham comportamentos inadequados, dificuldades de atenção e concentração, dificuldades na compreensão, lacunas de aprendizagem, falta de hábitos de estudo e métodos de organização no trabalho e dificuldades em participar de forma ordenada.

A prática pedagógica iniciou-se com uma aula de observação que me permitiu um primeiro conhecimento da turma, da sua constituição, bem como da sua maneira de estar. A segunda aula de intervenção facilitou-me um contacto mais próximo e uma melhor percepção da realidade da turma, seguindo-se treze aulas da minha responsabilidade.

No referente aos planos de unidade desenvolvidos, é de salientar que houve a preocupação de os trabalhar nas diferentes áreas de exploração, como se pode verificar na tabela seguinte.

| Blocos de conteúdo | Sistemas tecnológicos | | | | Contextos tecnológicos | Sectores de actividade tecnológica | Áreas profissionais | Profissões | Campos sociais | | | | | |
|-------------------------------------------------------|-----------------------|---------------------|-------------------------------------|---|------------------------|------------------------------------|---------------------|------------|----------------|----------------|------------|----------|-----------|--|
| | Sistemas Físicos | Sistemas biológicos | Sistemas organizativos/informativos | | | | | | Casa/ lar | Recreio/ lazer | Comunidade | Serviços | Indústria | |
| Tecnologia e sociedade | | | | | | | | | | | | | | |
| Tecnologia e desenvolvimento social | X | X | X | | | | X | | X | | X | | | |
| Impacto social da tecnologia | | | | | | | | | | | | | | |
| Tecnologia e consumo | | | | | | | | | X | X | | | | |
| Processo tecnológico | | | | | | | | | | | | | | |
| Objecto técnico | | | | | | | | | X | X | X | | | |
| Planeamento e desenvolvimento de projectos e produtos | | | | X | | X | | | | | | | | |
| Pesquisa técnica e tecnológica | | | | | | | | | | | | | | |
| Comunicação de ideias de projectos e produtos | | | | | | | | | | | | | | |
| Resolução de problemas e tomada de decisão | | | | | | | | | | | | | | |
| Conceitos, princípios operadores tecnológicos | | | | | | | | | | | | | | |
| Estruturas resistentes | | | | | | X | | | X | X | | | | |
| Movimento e mecanismos | | | | | | | | | | | | | | |
| Acumulação e transformação de energia | | | | | | | | | | | | | | |
| Regulação e controlo | | | | | | | | | | | | | | |
| Medição/ metrologia | | | | | | | X | | | | | | | |
| Materiais | | | | | | | | | X | X | X | | | |
| Informação/ comunicação | | | | | | X | | | | | | | | |
| Fabricação/ construção | | | | | | | | | X | X | | | | |
| Organização, gestão e comercialização | | | | | | | | | | | | | | |
| Higiene e segurança | | | | | | X | | | | | | | | |

Tabela 3 – GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO 3º CICLO: ET

Neste contexto, ainda sobre os planos de unidade elaborados para a disciplina de Educação Tecnológica, de referir que foram realizados em conformidade com os blocos de conteúdos propostos pelo Currículo Nacional do Ensino Básico.

É de realçar que a PES, na disciplina de ET, começou depois de o professor cooperante ter combinado com a turma a realização de um objecto técnico, estando este a ser já trabalhado por alguns alunos. No entanto, na primeira aula por mim observada, verifiquei que uma grande parte da turma ainda estava indecisa acerca do trabalho a desenvolver. Dos alunos que apresentaram um esboço do projecto detectou-se que a maioria pretendia realizar objectos técnicos construídos em madeira.

Na segunda aula, intitulada “Aula de intervenção”, com o intuito de motivar os alunos e de lhes abrir perspectivas diferentes sobre a temática dos projectos que a turma estava a desenvolver, tive a necessidade de mostrar uma série de trabalhos realizados por outros alunos em anos lectivos anteriores, algumas fotografias que foram projectadas do computador, bem como de explicar e exemplificar algumas técnicas que por eles poderiam ser utilizadas. Acredito que o papel do professor é muito importante pois é necessário estimular adequadamente, cultivando a atenção do aluno sobre aquilo que deseja desenvolver, para que ele se torne criativo.

Assim, orientei os alunos no sentido de conseguirem elaborar e construir um objecto técnico. Para tal incrementei planos de unidade onde foram abordados temas relacionados com os projectos que os alunos queriam desenvolver, nomeadamente os diferentes materiais, suas características e propriedades, ferramentas, utensílios, medição e metrologia, bem como desenho técnico. No seguimento das planificações elaboradas, preocupei-me em desenvolver actividades que ajudassem o aluno a reflectir e a tomar decisões tecnológicas correctas e seguras permitindo-lhe desenvolver ideias, construir, avaliar, corrigir e utilizar os produtos resultantes. Com este intuito transmiti aos alunos alguns conhecimentos e saberes básicos importantes possibilitando-lhes, assim, a capacidade de analisar e resolver situações concretas.

Considerarei que proporcionar aos alunos a oportunidade de utilizarem um conjunto diverso de técnicas de trabalho, com a utilização de diferentes tipos de materiais, principalmente reutilizáveis, iria desenvolver neles capacidades tais como criatividade, espírito de equipa e autonomia nas aquisições e na resolução de problemas. Assim, apresento algumas fotografias dos projectos desenvolvidos onde se poderá constatar tal facto.



Figura 19 – RELÓGIO EXECUTADO POR UMA ALUNA, NA DISCIPLINA DE ET



Figura 20 – CANDEEIRO REALIZADO POR UMA ALUNA, NA DISCIPLINA DE ET



Figura 21 – MÓVEL EM MADEIRA REALIZADO POR UMA ALUNA, NA DISCIPLINA DE ET



Figura 22 – JARRA REALIZADA POR UMA ALUNA, NA DISCIPLINA DE ET



Figura 23 – CARRO EM MADEIRA CONSTRUÍDO POR UM ALUNO, NA DISCIPLINA DE ET

Ainda neste contexto, não posso deixar de referir um plano de unidade intitulado “Cerâmica”, onde a turma teve o contacto directo com o Oleiro de Lamego, Sr. Fandino. A sua presença na aula provocou nos alunos um interesse enorme pela realização de peças em barro. Como tal, foi possível a turma visualizar os utensílios e ferramentas utilizadas pelo Oleiro, adquirir conhecimentos básicos acerca do barro e algumas técnicas a usar no manuseamento do mesmo. Posteriormente foi-lhes proposta a realização de peças em barro tendo tido a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos, ao mesmo tempo que utilizavam todos os materiais cedidos para o efeito [Figura 24, 25, 26, 27 e 28].



Figura 24 e 25 – EXPLORAÇÃO DOS UTENSÍLIOS E FERRAMENTAS



Figura 26 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS, NA DISCIPLINA DE ET, UTILIZANDO DIFERENTES UTENSÍLIOS



Figura 27 e 28 – TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS, NA DISCIPLINA DE ET

Assim, na PES desenvolvida no 3º Ciclo do Ensino Básico (EB), em Educação Tecnológica, tive como principal objectivo transmitir aos alunos alguns conhecimentos e saberes básicos de carácter cultural e técnico sempre importantes tendo em vista quer o prosseguimento dos estudos, quer a sua orientação para a vida activa e profissional.

Sabendo que a disciplina de Educação Tecnológica deve exigir do aluno uma grande participação, empenhamento, imaginação e sentido crítico, preocupei-me em desenvolver actividades não referentes a uma profissão em particular, mas sim em ajudar o aluno a reflectir e a tomar atitudes tecnológicas correctas e seguras que lhe permitam reunir informações, desenvolver ideias, construir, avaliar, corrigir e utilizar os produtos resultantes.

Tive como finalidade a abordagem ao tema da política dos 3 R's, despertando nos alunos o gosto pela Preservação do Ambiente / Natureza, extraindo "do lixo" os materiais para a execução dos projectos a realizar. Para tal, houve o cuidado de mostrar exemplos de trabalhos já executados anteriormente, por outros alunos, a partir de materiais reutilizáveis.

Considerarei que proporcionar aos alunos a possibilidade de utilizarem um conjunto diverso de técnicas de trabalho, com a utilização de variadíssimos tipos de materiais reutilizáveis, seria certamente bastante gratificante para o desenvolvimento do meu trabalho pelo facto de antever um forte empenho por parte deles nestas actividades.

Com efeito, acho que tive uma atenção crescente no desenvolvimento de capacidades tais como criatividade, espírito de equipa, autonomia nas aquisições e na resolução de problemas.

Fiz com que a disciplina contribuísse para que os alunos tomassem consciência das transformações que se vão verificando no mundo e da necessidade de serem controladas.

À medida que me fui apercebendo da concretização do que tinha previsto, fui-me sentindo mais motivada e empenhada na preparação dos planos de unidade ao mesmo tempo que senti crescerem as minhas expectativas relativamente aos resultados da sua aplicação prática.

No que se refere à prática do ensino supervisionada em questão, apesar de já ter tido a oportunidade de leccionar anteriormente no Ciclo em questão a mesma área, esta levou-me a adquirir novos métodos e conhecimentos, bem como a concluir o quanto é importante o aluno adquirir uma cultura tecnológica a fim de entender a natureza, o comportamento, o poder dessa tecnologia e as consequências por ela produzidas, tornando-se capaz de agir socialmente, isto é, de a utilizar e dominar.

Também neste contexto e, à semelhança do que aconteceu nas outras práticas, o meu enriquecimento profissional e pessoal foi notório, uma vez que aprendi mais acerca da minha profissão e tive o privilégio de lidar com adolescentes motivados e interessados em desenvolver as tarefas

propostas.

Para além do enriquecimento pessoal e profissional que adveio desta minha formação, reconheço que o meu gosto pelo ensino desta disciplina se renovou e se reforçou, permitindo-me a aquisição de mecanismos de abordagem dos conteúdos, mais motivadores e, por conseguinte, mais facilitadores do interesse e aprendizagem dos meus futuros alunos.

Não posso deixar de salientar que na PES na disciplina de ET, realizada na Escola EB 2,3 de Lamego, tive a possibilidade de dispor de várias ferramentas facto que permitiu aos alunos o conhecimento e, principalmente, o manuseamento dos mesmos situação que, infelizmente, nem sempre se verifica.

Além disso, tendo em conta que nesta disciplina é muito importante a utilização de instrumentos técnicos, gostaria de agradecer ao professor cooperante, António Meireles, o seu apoio e permanente disponibilidade, bem como as facilidades concedidas para a utilização dos materiais necessários.

1.2.4. EDUCAÇÃO VISUAL NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A reestruturação do Currículo Nacional para o Ensino Básico originou uma série de alterações importantes que obrigam a um reajustamento do programa de Educação Visual (EV).

É importante considerar a redução da carga horária semanal e a frequência do 9º ano que, de acordo com a nova organização curricular, não é comum a todos os alunos que terminam o Ensino Básico (**Departamento de Educação Básica, Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual, s. d.**).

O Currículo Nacional está associado à definição de competências gerais, transversais e específicas da disciplina, que todos os alunos devem ter oportunidade de desenvolver ao longo do seu percurso.

No documento **Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo (s. d.)** está referido que *“A integração da disciplina de Educação Visual numa área de Educação Artística situa-a nos domínios concretos da expressão plástica e do desenho, entendido este como uma escrita visual de uma linguagem específica das artes plásticas. A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a educação global do cidadão”* (p. 2).

Assim, os conteúdos devem ser seleccionados numa proposta de abordagem sequencial, baseada no perfil das competências a desenvolver, na experiência da prática lectiva e tendo presente o desenvolvimento cognitivo dos alunos (*Idem*).

É importante salientar, tal como está referido no **Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais (s. d.)**, que a disciplina de EV sugere três finalidades educativas fundamentais:

- Desenvolver, no aluno, a percepção visual através da criação e implementação de hábitos de observação, análise e síntese;
- Desenvolver e amadurecer as capacidades expressivas, comunicativas e interpretativas que se realizem através das linguagens da figuração;
- Favorecer a acção didáctica coordenada pelo Conselho de Turma para uma formação cultural global baseada também na consciência dos valores ambientais e dos valores artísticos.

Destas três finalidades educativas derivam algumas preocupações igualmente fundamentais para a EV, a saber:

- Levar o aluno a ultrapassar os lugares comuns e os estereótipos na representação, na avaliação e na concepção do belo e da arte;
- Dar ao aluno a consciência do seu processo formativo, verificando com ele os momentos da sua evolução na utilização da imagem como linguagem e como meio de expressão;
- Proporcionar ao aluno as ferramentas, as técnicas e os elementos linguísticos necessários;
- Desenvolver a consciência relativa ao respeito, à valorização dos bens culturais e do território na sua globalidade (*Idem*).

A EV é fundamental para o desenvolvimento da percepção visual, da sensibilidade estética e da capacidade de comunicação. É ela que permitirá ao aluno intervir expressiva, criativa e criticamente, hoje, na melhoria de pequenos aspectos visuais da comunidade envolvente.

O desenvolvimento da percepção visual e a utilização de materiais e técnicas em áreas de expressão variadas vão permitir ao aluno comunicar visualmente de uma forma cada vez mais consciente.

O estudo das formas e dos objectos, do espaço que ocupam ou em que se inserem, vai ajudar o aluno a compreender melhor a intervenção do Homem como ser criativo, ao longo dos tempos. Na sua busca incessante da perfeição, o Homem foi introduzindo alterações nos objectos que utiliza, de modo a torná-los mais atractivos, mais fáceis de usar e mais duradouros. A evolução tecnológica e o gosto do consumidor apelam à criatividade.

Ser criativo, ou tão-somente apreciador de formas artísticas, exige conhecimentos que tornam possível o aluno seleccionar e optar com consciência, tanto na compra de pequenos objectos pessoais como mais tarde, quem sabe, na criação de formas e de espaços.

Ao aluno que inicia o 3º Ciclo, o desenho, a experimentação plástica, a aprendizagem de códigos visuais, o conhecimento do mundo das formas e das cores e ainda o exercício da imaginação e da criatividade são fundamentais para desenvolver a percepção e a sensibilidade, principais objectivos da Educação Visual.

Desta maneira, incentiva-se a compreensão e a fruição da Arte e da Cultura, ao mesmo tempo que se introduz, no currículo dos alunos, um espaço de liberdade e sentido lúdico.

A PES desenvolvida no 3º Ciclo, em Educação Visual, decorreu na Escola Básica e Secundária da Sé - Lamego, supervisionada pelo Professor Doutor Luís Canotilho e com a cooperação da Professora Maria Eugénia Velloso.

A prática pedagógica iniciou-se com uma aula de observação de modo a poder ter um conhecimento prévio da turma, da sua constituição, bem como da sua maneira de estar. A segunda aula de intervenção facilitou-me um contacto mais próximo e uma melhor percepção da realidade da turma, seguindo-se treze aulas da minha responsabilidade.

A turma A do 8º Ano de Escolaridade, onde desenvolvi a PES, era composta por 12 alunos do sexo masculino e 9 do sexo feminino.

A turma revelou um comportamento e um aproveitamento, no geral, satisfatórios, no entanto constatou-se que alguns alunos apresentavam vários momentos de distração e de desconcentração.

Perante este facto, dei uma maior atenção aos referidos alunos, no sentido de se verificar uma possível evolução da sua atitude perante o trabalho. Tal situação, porém não se verificou, olhando a que as melhorias não foram significativas.

Os resultados obtidos pelos restantes alunos foram bastante satisfatórios, verificando-se um empenhamento da grande parte da turma.

É de salientar que se verificou uma maior dedicação, por parte dos alunos, nas aulas em que tiveram oportunidade de pintar, com tintas de água, composições visuais de grandes dimensões. Nestas composições, convém referir que alguns alunos mostraram, para além da dedicação e empenho, entusiasmo naquilo que estavam a fazer, nomeadamente na exploração da mistura de cores e exploração no tipo de pincelada.

No geral a turma empenhou-se muito mais nas aulas em que aplicava a técnica da pintura, qualquer que fosse o meio riscador, lápis de cor, marcadores, tintas de água ou até mesmo lápis de cera.

No que se refere aos planos de unidade desenvolvidos na PES, na disciplina de Educação Visual, na primeira unidade curricular intitulada “Elementos Naturais”, foram trabalhados vários conteúdos, a saber: a estrutura, a forma, o espaço, bem como a cor. Também foram feitas referências a obras de artistas plásticos apresentadas em PowerPoint, para que os alunos tivessem oportunidade de contactar com diferentes formas de expressão e adquirissem conceitos para posterior aplicação no trabalho que desenvolviam. Nas figuras que seguem, são apresentados alguns exemplos desses trabalhos.



Figura 29 e 30 – TRABALHOS REALIZADOS NA DISCIPLINA DE EV

Quanto ao plano de unidade intitulado “Cadavre Exquis”, baseou-se na exploração do desenho livre e da pintura, utilizando vários meios riscadores [Figura 31 e 32]. Nesta unidade curricular, bem como na intitulada “Traçados Geométricos”, valorizei a expressão espontânea, a procura de soluções originais, diversificadas e alternativas para os problemas, bem como os momentos de improvisação no processo de criação artística [Figura 33, 34 e 35].



Figura 31 e 32 – “CADAVRE EXQUIS” REALIZADOS NA DISCIPLINA DE EV

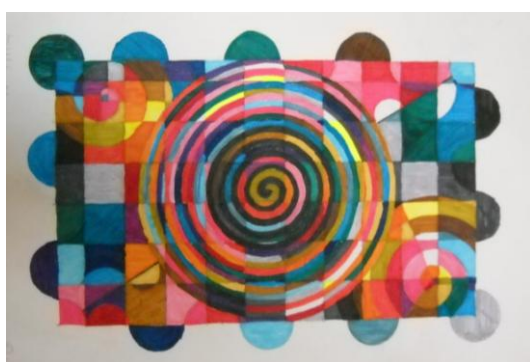


Figura 33 e 34 – COMPOSIÇÕES VISUAIS REALIZADAS NA DISCIPLINA DE EV



Figura 35 – COMPOSIÇÃO VISUAL REALIZADA NA DISCIPLINA DE EV

Como tal, no referente aos planos de unidade desenvolvidos na turma, houve a preocupação de os trabalhar nos diferentes conteúdos e áreas de exploração, o que se pode verificar na tabela seguinte.

| GRAVURA E IMPRESSÃO | | | FOTOGRAFIA E VIDEO | | | BANDA DESENHADA | | | ESCULTURA | | | PINTURA | | | DESENHO | | | CONTEÚDOS | |
|---------------------|--|--|--------------------|--|--|-----------------|--|--|-----------|--|--|---------|--|--|---------|--|--|--------------------------------------|--------------------|
| | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Elementos Visuais da Comunicação | COMUNICAÇÃO |
| | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Códigos de Comunicação Visual | |
| | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Papel da Imagem na Comunicação | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | * | |
| | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Representação do Espaço | ESPAÇO |
| | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Relação homem/ espaço | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | * | |
| X | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Estrutura/ Forma/ Função | ESTRUTURA |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | Módulo/ Padrão | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | * | |
| | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Percepção Visual da Forma | FORMA |
| | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Factores da forma dos objectos | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | Representação técnica de objectos | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | * | |
| | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Conhecimentos Científicos | LUZ-COR |
| X | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Luz - Cor na representação do espaço | |
| X | | | | | | | | | | | | X | | | X | | | Aplicações | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | * | |

Tabela 4 – GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO 3º CICLO: EV

Assim, na PES desenvolvida no 3º Ciclo, na disciplina de Educação Visual, como principal objectivo propus aos alunos descobrirem e aprenderem a “ver” o mundo de formas, espaços e movimentos que os rodeiam, na Natureza e na Arte, e ainda experimentarem, imaginarem e criarem, utilizando materiais e técnicas variadas.

Para o cumprimento do objectivo referido, promovi um conjunto de actividades nas quais os alunos tiveram a oportunidade de utilizarem os materiais e técnicas de uma forma simples, interessante e criativa.

Aprender através da obra de arte apresenta por vezes ao aluno perspectivas de “aventura” que muito o motivam.

É aqui que o papel do professor é fundamental. O modo como as ideias e os conceitos são apresentados, o nosso entusiasmo e o planeamento de propostas sequenciais para explorar e alargar conceitos e dominar progressivamente materiais e técnicas de expressão conduzem muitas vezes à participação empenhada e até entusiasta dos nossos alunos, contribuindo para que o ambiente das aulas seja agradável, mas também de trabalho, responsabilidade, cooperação e reflexão.

É fundamental em todo este processo termos em consideração o período de desenvolvimento dos alunos deste nível etário, que ronda os 13 anos, para que as propostas apresentadas e as expectativas que geram sejam adequadas e não resultem frustrantes para alunos e professor.

Não podemos esquecer que esta é uma fase de grande mutação física e psicológica que torna os alunos, muitas vezes, vulneráveis, inseguros e instáveis. Começam a libertar-se do real e do concreto acedendo ao mundo do possível e do abstracto, mas têm por vezes dificuldade em aceitar os resultados do seu trabalho.

Desta forma, considero ter abordado os conteúdos fundamentais para os alunos deste grau de ensino, utilizando uma linguagem acessível, motivando-os através da imagem e de propostas de trabalho o mais diversificadas possível, abrindo assim caminho à curiosidade pelos fenómenos artísticos e à sensibilidade estética associada ao trabalho de experimentação e pesquisa, ao rigor e à criatividade.

Para conseguir um bom ambiente e motivação, procurei alargar o espaço das experiências visuais e tácteis, despertando visualmente os alunos para os elementos da linguagem visual que lhes permitiram comunicar de uma forma mais eficaz. É muitas vezes no “nosso” espaço de aula que o aluno redescobre o seu gosto pela matéria e pela expressão.

Com esta prática de ensino supervisionada tomei consciência que a maioria dos alunos, nas actividades de carácter mais prático e experimental, se envolve de forma entusiástica, revelando imaginação, criatividade, empenho, deixando transparecer o seu gosto e a sua sensibilidade para a educação artística e o respeito pela arte como factor de criação.

Apesar de leccionar a disciplina de EV há já alguns anos, nesta prática do ensino supervisionada, ganhei mais entusiasmo para motivar e incentivar os alunos para a criatividade sem descurar os conteúdos que são próprios da disciplina.

Acredito que a sala de aula é um cenário propício à investigação e à criatividade onde o aluno deve ser estimulado e motivado a criar constantemente.

1.2.5. REFLEXÃO FINAL

Como se pode constatar no descrito até aqui, na primeira parte deste relatório final faço uma reflexão crítica sobre as experiências de ensino – aprendizagem realizadas ao longo da prática do ensino supervisionada, abrangendo os vários níveis de educação ou ciclos de ensino e disciplinas, tais como Educação e Expressão Plástica do 1º Ciclo do Ensino Básico, Educação Visual e Tecnológica do 2º Ciclo do Ensino Básico e Educação Tecnológica e Educação Visual, ambas do 3º Ciclo do Ensino Básico.

A Prática Pedagógica permitiu-me a reflexão sobre algumas práticas, o aprofundar de alguns conhecimentos, a aquisição de novas aprendizagens no domínio da tecnologia e da técnica, bem como o desenvolvimento de novas metodologias de abordagem dos conteúdos. Tudo isto contribuiu para uma nova consciencialização tendente à análise e evolução de situações concretas no âmbito do processo de ensino – aprendizagem.

Estou convicta que ao longo das práticas do ensino supervisionadas proporcionei aos alunos momentos de criatividade, de satisfação, descontração e realização de actividades lúdicas relacionadas com cada disciplina por mim leccionada.

Propus aos alunos descobrirem e aprenderem a “ver” o mundo das formas, espaços e movimentos que os rodeiam, na Natureza e na Arte, e ainda tive o cuidado de dar oportunidade a cada turma de experimentar, imaginar e explorar técnicas e materiais que nunca antes tinham manuseado e experimentado. Para tal, promovi um conjunto de actividades nas quais os alunos tiveram a possibilidade de utilizarem os materiais e técnicas de uma forma simples, interessante e criativa.

Preocupei-me em abordar a política dos 3 R's despertando nos alunos o gosto pela preservação do ambiente, extraíndo "do lixo" os materiais para a execução de trabalhos. Considerei que proporcionar-lhes a possibilidade de utilizarem um conjunto diverso de técnicas de trabalho, com a utilização de variadíssimos tipos de materiais reutilizáveis, seria certamente bastante gratificante para o desenvolvimento do meu trabalho, pelo facto de antever um forte empenho por parte deles.

Assim, o grande desafio das práticas pedagógicas desenvolvidas nos três ciclos foi promover experiências de aprendizagem capazes de proporcionar aos alunos a descoberta, a construção do seu conhecimento, o desenvolvimento da sensibilidade estética e a capacidade de criar e exprimir uma relação com o mundo.

Permitiram-me igualmente a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de competências pedagógicas nos níveis de ensino em questão e a procura e experimentação de metodologias diversificadas e motivadoras para os alunos.

Com efeito, e como já foi referido anteriormente, tive uma atenção crescente no desenvolvimento de capacidades dos alunos tais como: a criatividade, a descoberta, o espírito de equipa e a autonomia nas aquisições e na resolução dos problemas.

Com as práticas do ensino supervisionadas tomei consciência de que a maioria dos alunos, nas actividades de carácter mais prático e experimental, se envolve de forma entusiástica, revelando imaginação, criatividade, empenho, deixando transparecer o seu gosto e a sua sensibilidade para a educação artística e o respeito pela arte como factor de criação.

PARTE II

1. INVESTIGAÇÃO SOBRE UM TEMA RELEVANTE PARA A EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO ENSINO BÁSICO

1.1. PROBLEMA

Ao tentar obter uma visão panorâmica do meu percurso pessoal e profissional, constatei que as minhas vivências foram marcadas por uma procura constante da compreensão do que se passava à minha volta. Hoje tenho consciência de que muitas das opções que delinearam os meus caminhos, foram marcadas pelo fascínio de poder responder a novos desafios.

Como profissional de educação, novos caminhos e novos desafios foram surgindo ao longo das experiências profissionais que, por opção própria, fui desenvolvendo em diversos campos de actuação, tais como o ensino nos 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário.

Com efeito, ao longo da minha actividade docente e perante as experiências que fui adquirindo, verifiquei que os alunos, principalmente a partir do 2º Ciclo do Ensino Básico, não demonstram muita criatividade e têm tendência a esconder os desenhos que fazem ou limitam-se a dizer que não sabem desenhar, pintar, bem como realizar alguma actividade relacionada com o processo criativo.

A cidade onde realizei as quatro práticas do ensino supervisionadas é rica em património artístico e cultural, no entanto os monumentos existentes são originários de séculos passados, principalmente do século XVII e XVIII. Por tal motivo, a sua linguagem limita-se a um cariz religioso, não havendo espaço para a Arte Contemporânea. Como é sabido, os alunos nestas idades não conferem grande importância a este tipo de arte que, por ser antiga e estar ligada a motivos de ordem religiosa, não os cativa minimamente. Por outro lado, a consciência do conceito artístico e a sensibilidade estética estão de certa forma adormecidos nestes jovens, pois a realidade artística e cultural da região é, como já referi, algo limitada. Perante tal situação, os alunos não estão motivados

para desenvolverem o processo criativo, até porque têm tendência para o confinar a um espaço ao qual são naturalmente alheios e que não lhes desperta grande interesse.

Neste contexto e sendo o desenvolvimento da criatividade um dos 4 eixos pertencentes à Literacia das Artes formulo a seguinte questão: O que fazer para ajudar os alunos a colmatar as suas dificuldades criativas?

Na escolha de um tema de investigação há que considerar motivos de ordem pessoal e o interesse por questões relacionadas com a Educação em Arte, enquanto contributo indispensável para a educação do indivíduo, sendo um factor constante na tentativa de compreender o mundo das pessoas, da Arte e da criação artística.

Ciente do facto de que o ensino das artes constitui um sistema complexo que inclui múltiplos aspectos, começou a tornar-se claro que os professores privilegiavam determinadas práticas em detrimento de outras, que davam mais importância a um determinado tipo de aprendizagens e, que estas situações poderiam estar relacionadas com a influência das suas concepções na forma como organizavam o ensino e a aprendizagem.

Uma primeira fase de leituras aleatórias permitiu-me compreender que esta era uma problemática complexa, ao mesmo tempo que a vasta literatura sobre teoria da arte e sobre educação em arte me puderam facultar um maior conhecimento desta área de ensino.

Existem definições variadas relativas à arte e às funções que desempenha na sociedade. Pode ser considerada como um modo pessoal de expressão, como uma linguagem fundamental da experiência humana, como um meio de comunicação que dá resposta aos desafios do envolvimento, ou como uma forma de identificar e transmitir valores culturais. A importância que cada um destes factores assume na educação é variável, conforme as concepções e as ideias de cada professor, o que pode implicar diferentes prioridades e originar modos de ensinar igualmente variados.

Partindo-se do pressuposto que os professores ensinam o que acreditam ser importante e que existe uma influência das suas concepções na forma como organizam o ensino / aprendizagem, pretendo analisar em que medida os professores poderão incentivar e motivar os alunos para o desenvolvimento da criatividade.

O pilar de sustentação deste trabalho deve-se ao facto da ampla e explícita interacção entre a professora, neste caso eu, e os alunos que participaram na situação investigada.

A pesquisa que apresento seguiu os seguintes passos: inicialmente, um levantamento bibliográfico a partir do qual construí o referencial teórico; após organizar as ideias desenvolvi o presente estudo durante a prática do ensino supervisionada, na disciplina de Educação Visual, do 3º Ciclo do Ensino Básico, e, a partir da observação directa, fiz a análise dos dados a fim de elaborar um texto reflexivo e descritivo.

1.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Começarei por fazer uma abordagem à importância das Artes no desenvolvimento criativo, passando em seguida a referir diferentes perspectivas de Criatividade em vários autores. Passarei depois a expor algumas considerações de Vygotsky acerca da importância do meio, continuando com uma análise da influência da Escola e importância do papel do professor como facilitador do processo criativo. Finalmente, mas não menos importante, abordarei as barreiras do aluno perante o processo criativo.

1.2.1. A IMPORTÂNCIA DAS ARTES NO DESENVOLVIMENTO CRIATIVO

Desde o início da história da humanidade, a arte tem sido uma prática e uma realidade em todas as manifestações culturais.

Segundo **JANSON (1987)** *“Certamente uma das razões pelas quais o homem cria é um impulso irresistível de se curar a si próprio e ao seu meio ambiente, de uma forma ideal”* (p. 6).

Herbert Read no seu livro *“Educação pela Arte”*, que constituiu a sua tese de doutoramento, em 1942, exerceu uma influência inestimável não só no campo da educação artística como no da educação em geral. Não se tratando de uma obra sobre educação, mas de uma dissertação em defesa da tese: *A arte deve ser a base da educação*, H. Read apresenta, na defesa da mesma, todo um vasto conjunto de conceitos educacionais e aborda variados problemas da arte e da formação humana, de tal modo que é considerada como uma das obras mais importantes no campo da educação e da arte (**Sousa, 2003**).

Quando se refere ao papel da arte na educação geral do homem, H. Read, não se refere ao campo limitado do “ensino das artes” nem apenas ao campo exclusivo das artes visuais / plásticas. Ele refere-se a algo muito mais vasto, a uma “educação estética” como uma educação englobando todos os modos de expressão individual: musical, dançada, dramática, plástica, verbal, literária e poética (*Idem*).

Lowenfeld e Brittain (1970), falam da arte como modo de educar, como a capacidade de procurar e descobrir respostas, como forma de desenvolver a capacidade criadora, tendo as experiências centrais numa actividade artística.

A arte não se configura só pelo fazer artístico, pois exige reflexão, comparação, análise, interpretação de imagens, enquadrando-se no tempo e na cultura. Para que isso ocorra, é preciso que o educador em arte tenha conhecimentos e vivências artísticas sem, necessariamente, actuar no mercado artístico. Portanto, o educador em arte precisa de conhecer a arte e os fundamentos da educação, a sua história e as suas diferentes linhas metodológicas, podendo criar o elo de ligação entre arte e educação (**Barbosa, 1999**).

Neste contexto, é importante mencionar a “Proposta Triangular”, de Ana Mae Barbosa. A proposta considera que para haver construção do conhecimento em artes é preciso ligar a apreciação e a história da arte com o fazer artístico. Conforme salienta **Barbosa (1999)**, a Proposta Triangular envolve a leitura da imagem, a contextualização e o fazer artístico (experiência com os elementos e os princípios da forma). A apreciação consiste na descoberta da obra de arte e dos seus significados por meio da razão e da emoção. A reflexão é o pensar a arte enquanto criação na história da humanidade e em diferentes culturas, e o fazer artístico é o realizar, em que o aluno se sente produtor em artes, empregando a sua capacidade inventiva e desenvolvendo a sua autonomia.

As artes não são um luxo mas antes uma necessidade, pois além de contribuírem para formar cidadãos capazes de inovar, constituem um elemento fundamental no desenvolvimento da capacidade emocional indispensável a um comportamento moral íntegro (**Unesco, 2006**).

Como está designado no documento **Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais (s.d., p.149)** as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção; a vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano; as artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social; promovem o desenvolvimento da criatividade; permitem promover práticas de investigação e fomentam o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação.

Ferreira, S. (2001) refere ainda que as artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento. Em contacto com as artes e ao realizarem actividades artísticas, os alunos aprendem muito mais do que pretendemos, extrapolando o que poderiam aprender no campo específico das artes. E, como o ser humano é um ser cultural, essa é a primeira razão para a presença das artes na educação escolar.

As artes podem ser ensinadas como matérias de estudo individuais, através do ensino das várias disciplinas artísticas, desenvolvendo assim nos estudantes as aptidões artísticas, a sensibilidade e o apreço pela arte; devem, por isso, ser encaradas como método de ensino e aprendizagem em que as dimensões cultural e artística são incluídas em todas as disciplinas (*Idem*).

A arte enquanto linguagem, interpretação e representação do mundo, torna-se instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois possibilita que entremos em contacto connosco mesmos e com o universo (*Idem*).

Assim, é importante referir o aparecimento de um novo conceito em documentos oficiais sobre educação artística em Portugal: a Literacia em Artes.

De acordo com o **CURRÍCULO NACIONAL DO ENSINO BÁSICO – COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS (s.d.)** “Desenvolver a literacia artística é um processo sempre inacabado de aprendizagem e participação que contribui para o desenvolvimento das nossas comunidades e culturas, num mundo onde o domínio de literacias múltiplas é cada vez mais importante” (p. 151).

Neste contexto, tal como está designado no mesmo documento (p. 152), e sendo algo que se poderá designar como literacia artística, esta implica as competências consideradas comuns a todas as disciplinas artísticas aqui sintetizadas em quatro eixos interdependentes, a saber:

- Apropriação das linguagens elementares das artes;
- Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;
- Desenvolvimento da criatividade;
- Compreensão das artes no contexto.

Segundo **Miel (1972)**, deverá ser objectivo da escola dar a todos os alunos a oportunidade de desenvolverem todas as suas potencialidades. Para isso é necessário que haja nas escolas condições que incentivem o desenvolvimento da criatividade, pois todas as crianças são dotadas disso.

Apesar das determinações legais que instituem a arte como componente curricular obrigatória, como forma de promover o desenvolvimento cultural dos alunos, existe uma grande distância entre elas e as práticas que vivenciamos no nosso quotidiano.

Hoje, o ensino da arte ainda ocupa um lugar secundário nos currículos escolares, onde é atribuída uma carga horária maior às disciplinas consideradas mais importantes, como Língua Portuguesa e Matemática. A sua função dentro da escola permanece indeterminada e apresenta muitos questionamentos. Longe de ser tratada como conhecimento com os seus conteúdos próprios, é vista como um apêndice das demais disciplinas. Existem questões importantes a serem respondidas quando tentamos delinear o lugar que o ensino da arte ocupa nos currículos escolares.

Para **Gonçalves (1991)** durante muito tempo, a criatividade não foi considerada nas escolas, foi posta de lado, foi marginalizada, foi observada como uma criatividade exclusiva de seres especialmente dotados ou privilegiados.

No entanto, é importante referir que educar para a criatividade requer que se explorem as potencialidades em todas as áreas, não existindo uma área específica que seja responsável pelo desenvolvimento criativo, porque em todas as circunstâncias da vida manifestamos a criatividade.

Segundo **Gonçalves (1991)**, a criatividade desperta-se através do fazer, da experimentação constante. A criatividade apela para uma pedagogia não directiva, ou, pelo menos, flexível e aberta, que permita que seja o próprio aluno a descobrir o seu modo de agir e de se exprimir, bem como o material e a técnica que melhor se adaptam à sua expressão pessoal.

No entanto, **ARNO STERN**, citado por Gonçalves (1991), refere que *“a educação que favorece a criatividade ainda não é suficientemente tomada a sério pelas entidades superiores. Através dela, as crianças tomam-se mais fortes, mais livres, mais responsáveis, com maior poder de iniciativa, além de desenvolverem uma boa relação de vizinhança, liberta do espírito de competição. E a nossa sociedade de consumo baseia-se na competição, exemplo disso temos a escola, os concursos, os prémios, as menções honrosas”* (p. 18).

Franz Cizek, ao criar a Escola de Arte Infantil em Viena, tem uma acção pioneira ao valorizar as produções artísticas das crianças e ao atribuir um valor pedagógico à liberdade de expressão artística, à criação e expressão espontâneas.

COUSINET (1976) em *“A Educação Nova”*, refere que: *“É sobretudo a partir de Cizek que se verifica o reconhecimento do valor artístico das obras desenhadas e pintadas espontaneamente pela criança, bem como da necessidade pedagógica desta liberdade, da sua importância pedagógica para o*

desenvolvimento artístico da criança, da necessidade de lhe permitir que crie e se exprima para se libertar” (p.55).

Proteger e assegurar o desenvolvimento da imaginação e autonomia do aluno é o principal objectivo dos que argumentam que a livre expressão dos sentimentos é a grande finalidade da educação em arte. A realização pessoal através de actividades de expressão artística que apelam para a imaginação e para a criatividade é salientada por **LOWENFELD (1957)** que afirma: “O maior contributo da educação em arte para o sistema educativo e para a sociedade é a ênfase no indivíduo e no seu próprio potencial criativo e, acima de tudo, todo o poder da arte para integrar harmoniosamente todas as componentes do crescimento que são responsáveis por um ser humano equilibrado” (p. 10).

Reforçando esta ideia, refere ainda que: “A educação em arte, introduzida nos primeiros anos da infância, pode muito bem significar a diferença entre um ser humano criativo e flexível e um outro que, apesar de toda a aprendizagem, não será capaz de a aplicar e continuará a ser um indivíduo a quem faltam recursos interiores e tem dificuldades no relacionamento com o seu envolvimento. Porque compreensão, pensamento e sentimento são enfatizados de igual modo em qualquer processo criativo, a arte pode muito bem ser o equilíbrio necessário ao intelecto e às emoções da criança”. (Ibidem).

1.2.2. CRIATIVIDADE

Segundo a etimologia da palavra, criatividade deriva das palavras “criar” e “criação”, que têm raiz nas palavras latinas “creare” e “creatione”, que significa dar existência a ...; inventar; originar; gerar; instituir; educar; procriar; cultivar; formar; sustentar; etc., estabelecer relações até então não estabelecidas.

Para **Janson (1992)** a criatividade foi durante muito tempo um conceito reservado à “Divindade”, pois só ela podia dar forma material a uma ideia.

A origem da palavra dá-nos a ideia de que a criatividade nos incentiva a realizar, agir e fazer.

Sousa (2003) refere que se deve considerar diferentemente criação e criatividade. Criação refere-se ao aparecimento real de uma coisa, de uma obra que não existia antes, por acção deliberada e consciente de um ser. Criatividade será uma capacidade, uma aptidão. No entanto ela é inútil se não conduzir à criação. Não basta ter talento criador, é necessário aplicá-lo na acção criadora.

A criatividade define-se pelas obras que cria e só por meio delas existirá. A criatividade é a causa e a criação o efeito. Pode-se ter uma excelente ideia ou imaginar-se um belo poema, mas se não se explica essa ideia ou não se escreve o poema, esse potencial criativo ficará infrutífero.

A criatividade tem sido objecto de estudo, praticamente desde a antiguidade.

Ao longo do tempo, muitos autores têm procurado definir, através das mais diversas correntes teóricas, o que é a criatividade e quais são as suas características, indicando a natureza dialéctica e interdisciplinar que este conceito engloba. Nessas constantes tentativas em caracterizar e definir o que é ser criativo, surgem múltiplas definições sobre criatividade, ora versando aspectos sociais, ora aspectos psicológicos, ora aspectos cognitivos.

Para exemplificar essa diversidade, vejamos algumas das definições encontradas a seu respeito.

KNELLER (1978) define criatividade como:

“... a descoberta e a expressão de algo que é tanto uma novidade para o criador quanto uma realização por si mesma” (p. 31).

Para **ALENCAR (1996)** a criatividade é:

“... um fenómeno complexo e multifacetado, que envolve uma interacção dinâmica entre elementos relativos à pessoa, como características de personalidade e habilidades de pensamento, e ao ambiente, como o clima psicológico, os valores e normas da cultura e as oportunidades para expressão de novas ideias” (p. 3).

Segundo **TORRANCE apud ALENCAR (1995)**, criatividade é o:

“...processo de tornar-se sensível a problemas, deficiências, lacunas no conhecimento, desarmonia; identificar a dificuldade, buscar soluções, formulando hipóteses a respeito das deficiências; e, finalmente comunicar resultados” (p.13).

OSTROWER (1998) diz que:

“Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo

novo. Em qualquer que seja o campo da actividade, trata-se, nesse “novo”, de coerências que se estabelecem para a mente humana, fenómenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar” (p.9).

Ainda, autores como **Vasconcellos (1990)**, **Mirshawaka (1992)**, **Alencar (1996)** **Oech (1997)**, **Weisberg (2006)**, referem que a criatividade é um potencial humano que consiste em processos cognitivos, intuitivos e que não possui um procedimento estruturado. O indivíduo manipula os seus conhecimentos na busca de novas soluções, para encontrar novos e melhores modos de fazer as coisas.

DE BONO (1994), afirma que a "*criatividade não é simplesmente uma maneira de fazer melhor as coisas. Sem ela, somos incapazes de fazer pleno uso das informações e experiências que já estão disponíveis e estão presas a antigas estruturas, padrões, conceitos e percepções.*"

Segundo **Bohm e Peat (1989)** os seres humanos nascem dotados de criatividade, apesar de, quando as crianças se tornam adultas, a mesma aparecer bloqueada.

No seguimento do supra-citado, **Lowenfeld e Brittain (1970)** referem que as idades entre 9 e 12 anos se caracterizam como um período no qual os alunos desenvolvem mais fortemente a consciência do seu mundo real, um mundo repleto de emoções, amigos, planos e recordações.

É a idade das descobertas, onde se desenvolve uma enorme sensibilidade. Algumas crianças começam a esconder os seus desenhos, fazendo comentários depreciativos sobre o seu próprio trabalho. Ocorre nessa fase a descoberta da independência social da criança que percebe ter conceitos diferenciados, principalmente dos conceitos dos adultos.

Os conflitos que surgem com o início das mudanças fisiológicas da puberdade interferem na criatividade que é destacada, pelos autores, como declínio (*Ibidem*).

FREUD (1994) defende que a criatividade resulta dos conflitos do inconsciente que, mais cedo ou mais tarde, encontrarão através dos mecanismos de compreensão do Ego uma “solução de compromisso” no sentido de ultrapassar a conflitualidade latente. Freud realça o papel do inconsciente, impelindo à criação.

Em face dos conceitos referidos, pode-se concluir que a criatividade está presente em todas as pessoas e, pensando na criatividade no âmbito escolar, torna-se evidente o quão importante é a escola e o corpo docente terem um conhecimento claro do trabalho a ser desenvolvido com os alunos.

1.2.3. INFLUÊNCIA DO MEIO NO PROCESSO CRIATIVO

A criatividade não é privilégio de alguns iluminados, ela pode ser desenvolvida necessitando, no entanto, de determinadas condições para se manifestar.

Entre essas condições, destacam-se factores que podem ser positivos ou negativos, dependendo da postura da organização e dos gestores que a compõem.

Esses factores são visíveis quando voltamos o olhar para o desenvolvimento infantil e a criatividade. É possível perceber que eles determinam a relação da criança ao acto de criar, pois esta é um ser que, por natureza, é criativo e sem barreiras, e está inserido num contexto social.

Na primeira infância, a criatividade deve vir de experiências estimuladoras, visto que estas influenciam directamente o desenvolvimento das relações interpessoais e com o meio, proporcionando a essas crianças a oportunidade de serem auto-confiantes.

Na interacção entre indivíduo e meio, a criatividade aparece como um fenómeno que pode ser estimulado ou inibido e que está presente em todos os seres humanos, sendo produto da interacção entre cultura, regras e pessoas.

Através da perspectiva histórico-cultural de **Vygotsky**, demonstra-se a necessidade de se compreender o homem como um ser social emergente numa cultura que está num constante processo de mudança.

A criatividade é um processo muito complexo e, segundo **Vygotsky (1987)**, é esta complexidade que constitui a principal dificuldade no estudo do processo criador, levando-nos muitas vezes a conclusões falsas ou primárias a seu respeito.

Consultando o dicionário de Língua Portuguesa, **FERREIRA (1997)** encontra a definição de criar como "*1. Dar existência a; tirar do nada [...]. 2. Dar origem a; gerar, formar [...]. 3. Dar princípio a; produzir, inventar, imaginar, suscitar [...]*" (p. 498).

Um ponto em comum encontrado nesta e na grande maioria das definições existentes sobre criatividade está no facto de que ela representa algo novo, tanto para a sociedade como para o indivíduo que cria, sendo considerada, muitas vezes, como fruto exclusivo da imaginação do indivíduo que a produz (*Ibidem*).

Segundo **VYGOTSKY (1987)**, a criatividade não é privilégio de poucos; para o autor "*... na vida que nos rodeia, a cada dia, existem todas as condições necessárias para criar e tudo que excede o marco da rotina, acrescentando uma mínima parcela de novidade tem sua origem no*

processo criador do ser humano” (p.11). Sendo assim, a sua manifestação, contrariamente à concepção de muitos autores, não pode estar restrita apenas à vida de alguns génios da humanidade.

Criar é uma característica própria do ser humano, o que faz a actividade criadora ser um privilégio dos homens, pois os torna capazes de pensar, criar, reelaborar, ter novas ideias e construir as suas próprias condições de existência.

O homem é um ser que interage constantemente com e no ambiente em que vive constituindo e sendo constituído, modificando e também sendo modificado por ele, fazendo do criar uma actividade fundamental para a sua constante adaptação às causas provenientes do meio em que vive, tornando inconcebível a redução do ser humano a um ser que simplesmente se limita a reproduzir com maior ou menor precisão algo já existente ou vivido.

Segundo **VYGOTSKY (1987)**, se o nosso cérebro “... *se limitasse apenas a conservar as experiências vividas, o homem seria um ser incapaz de se ajustar às condições estabelecidas pelo mundo que o rodeia*” (p. 8). É a necessidade que o homem tem em se adaptar ao meio que faz dele um ser projectado para o futuro.

Nesse sentido, a actividade criadora manifesta-se nas mais diversas esferas de actuação e interacção social humana, não estando restrita apenas aos campos da arte ou da ciência. Na escola, no trabalho ou nas actividades do dia-a-dia, o homem, através da sua vivência e interacção com a sociedade, imagina e cria uma série de “coisas” novas, combinando e organizando elementos, atribuindo a eles inúmeras possibilidades de vir a ser.

O processo criativo ou criatividade, como actualmente dizemos, constitui-se durante e através do processo de construção e desenvolvimento do indivíduo. A mesma está presente na base de todos os aspectos da vida cultural dos indivíduos; por ser um produto da construção e constituição histórica dos homens ao longo dos tempos, ela está submetida às suas múltiplas e complexas determinações sociais e histórico-culturais.

Para **Vygotsky (1987)**, um outro factor que contribui fundamentalmente para o processo de criação do homem é a sua necessidade de adaptação ao meio. Se o homem não tivesse desejos e desafios, se as suas próprias reacções naturais ou hereditárias o equilibrassem constantemente, provavelmente não haveria a necessidade da acção para a criação, pois um ser que se encontra plenamente adaptado e satisfeito no mundo em que vive não desejaria nada e, sendo assim, não teria

motivos para criar algo novo.

Merecem referência as palavras de **Ostrower (1995)** que afirma que a natureza criativa e imaginativa do homem se constitui no contacto com o cultural.

Outro comentário importante da mesma autora (**1987**) sobre a criatividade, é que nem na arte existiria criatividade, se não fosse encarado o “fazer artístico”, como trabalho, cuja intencionalidade é o “fazer produtivo”, ampliando-se a capacidade de viver do ser humano.

1.2.4. INFLUÊNCIA DA ESCOLA NO PROCESSO CRIATIVO

O homem cria, não apenas porque quer ou porque gosta, mas também porque precisa; quando o ambiente cultural, naturalmente, não propõe meios para o desenvolvimento, a escola deve assumir esse papel, pois o processo de educar, sobretudo na arte, deve cuidar do desenvolvimento da sensibilidade, por meio dos órgãos dos sentidos.

Na Educação, a criatividade aparece relacionada com a produção de conhecimento, cabendo portanto à escola garantir as necessidades fundamentais para que o aluno possa ter condições de criar, a partir do que já foi aprendido, originando novos conhecimentos.

A arte na escola tem como papel proporcionar aos alunos a possibilidade de se reverem como construtores de cultura - rompendo com um ensino voltado unicamente para uma perspectiva racionalista - onde o “imaginar”, o “criar”, o “sentir”, aspectos mais ligados à subjectividade humana, possam ser validados como factores importantes para a formação de um ser humano crítico, sensível e consciente da sua cidadania.

No meio escolar, o aluno que estiver inserido num ambiente acolhedor, adequado às suas necessidades e que o estimule positivamente, terá grandes possibilidades de se tornar um indivíduo criativo nos mais variados aspectos.

Segundo **SES (2007)** de todos os factores e ambientes sociais que podem influenciar a criatividade, a maior parte pode ser identificada, de alguma forma, na sala de aula.

O papel do professor torna-se, assim, fundamental nesse processo, pois é este que orienta todos os trabalhos realizados pelos alunos. Precisa de os conhecer, e de ter consciência das características de cada faixa etária com quem trabalha para que possa estimular adequadamente, auxiliando assim no processo de formação de indivíduos altamente criativos. Precisa ainda de ter

um conhecimento aprofundado sobre os temas que aborda, pois assim terá mais condições de criar, de desenvolver actividades ricas e interessantes e que levem os seus alunos a produzir novos conhecimentos de forma criativa.

Quando o professor é capaz de motivar o aluno para seguir os seus interesses e se envolver no processo de construção do seu conhecimento, faz com que ele consiga valorizar as suas acções tornando-se assim um ser incentivado a criar constantemente.

Neste encadeamento **Kraft (2004)** refere que no pensamento criativo, a motivação é essencial e se não existe motivação, não existe criatividade.

Acredito que o professor pode influenciar a criatividade do aluno, e para que ele se torne criativo é necessário que tenha oportunidade, focando-se naquilo que deseja criar.

É papel do professor contribuir para a formação integral do aluno estimulando a sensibilidade, a criatividade e a curiosidade, provocando no aluno as transformações necessárias. Potencialidades criativas existem em todo o ser humano, porém, para desenvolver estas potencialidades não é suficiente dizer aos alunos que precisam de dominar os conhecimentos, ser criativos e não desistir no meio do caminho; é necessário dizer como fazê-lo, motivando, estimulando e incentivando a capacidade de procurar respostas.

Tal como refere **OSBORN**, citado por Stenberg (1999), *“a criatividade é uma flor tão delicada que o elogio tende a fazê-la florir, enquanto a falta de encorajamento frequentemente cortá-la-á à nascença”* (p. 41).

Kneller (1971) já afirmava que o professor deve estimular os alunos a examinar novas ideias quanto ao mérito, em vez de descartá-las como simples fantasias.

Cabe, então, ao professor, encontrar entre as inteligências, aquelas que mais se encaixam em cada um dos seus alunos, estimulando-os a conhecer e a desenvolver tais habilidades.

Ser professor de arte é actuar, aproximando os alunos do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo o conhecimento dos aspectos mais significativos da cultura nas suas diversas manifestações. Nas aulas de arte objectiva-se que os alunos vivenciem intensamente o processo artístico, accionando e evoluindo nos seus modos de fazer técnico, de representação imaginativa e de expressividade.

Hoje, para educar, os professores devem cada vez mais utilizar competências e criatividade que são as ferramentas do conhecimento, as únicas de que efectivamente o profissional da educação dispõe, para dar sentido às práticas pedagógicas.

É importante, pois, que se criem cada vez mais espaços e momentos de comunicação, se promova o espírito de grupo e a tolerância, educando para uma cidadania mais consciente, pacífica e solidária.

A relação professor - aluno deve ser frequente e comprometida entre as partes, de modo que o ensinar - pesquisando seja tão evidente quanto o aprender - fazendo, a partir de uma dada situação e possa ser trabalhada em processos interactivos entre professor, alunos, colegas e materiais informativos diversos, incluindo audiovisuais e informáticos.

1.2.5. O ALUNO E AS BARREIRAS NO PROCESSO CRIATIVO

Em relação aos alunos, tal como já foi referido, devem ser encorajados a usar a imaginação e a fantasia para criar produtos artísticos e expressivos, exteriorizando assim, através de formas visuais, os seus sentimentos e ideias.

O professor deve encaminhar os seus alunos para que possam gerar novas ideias e inovar diante da aprendizagem. Estimular as potencialidades criativas do aluno a partir de técnicas específicas e estimular a motivação são estratégias que devem ser utilizadas pelos professores para que consigam reduzir as barreiras do pensamento criativo, permitindo assim o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Olhar para um objecto de estudo e procurar outras funções para ele ou ainda transgredir o seu uso habitual, seriam atitudes de plena criatividade, onde os alunos teriam a oportunidade de construir novos conhecimentos.

No entanto, como refere **Adams (1986)**, esta construção, na maior parte das vezes, está limitada pelos bloqueios / barreiras que influenciam o desenvolvimento criativo, a saber: barreiras emocionais e intelectuais e os bloqueios culturais.

As barreiras emocionais, segundo **Adams (1986)**, aparecem quando o indivíduo não consegue comunicar as suas ideias, criações, por medo ou receio de uma possível rejeição. Esse medo de criar para não correr o risco de se expor impede a criatividade, pois o julgamento do outro é mais forte que a coragem de se mostrar através das suas produções.

É na escola que devem ser oferecidas oportunidades infindáveis de criação que contemplem

todas as áreas do conhecimento, para que desde cedo todos tenham a oportunidade de experimentar e praticar a criatividade nos mais diversos formatos. Esses alunos estarão futuramente inseridos num mercado de trabalho que cada vez mais exige criatividade para a obtenção do tão sonhado sucesso profissional (*Ibidem*).

No que se refere às barreiras intelectuais, **Adams (1986)** salienta que estas barreiras bloqueiam a criatividade em momentos onde a escolha de uma linguagem ou de estratégias adequadas para solucionar problemas acaba sendo prejudicada, pois o indivíduo não é capaz de buscar criativamente alternativas para transpor os problemas apresentados. Essa busca sem sucesso também se dá devido à dificuldade de se estabelecer boas relações com os membros do grupo, provocando assim, sérios problemas de comunicação dentro do ambiente de trabalho, originando escolhas inadequadas às soluções de problemas.

O professor, tendo um papel fundamental no processo criativo de ensino aprendizagem, deve ter como foco intermediar acções onde os seus alunos possam estabelecer relações de confiança entre os membros do grupo, visando um convívio harmónico e produtivo.

Ao olhar para essa convivência, o professor estará propiciando uma grande oportunidade para que os seus alunos possam realizar trocas de informações, podendo assim reconhecer problemas, buscar novas soluções de forma flexível, criativa e motivadora.

O pensamento criativo é extremamente relevante para a resolução de problemas, pois ele propicia a busca de soluções inovadoras e originais, associando as ideias e ultrapassando os limites da inteligência.

Os bloqueios culturais também são apontados por **Adams (1986)** como sendo factores determinantes quanto à criatividade. São barreiras impostas por nós e que são geradas por pressões sociais, culturais ou de um determinado grupo a que pertencemos.

Na escola, o professor que tem um papel de orientador deve estar atento a essas situações, pois o ambiente escolar é composto por pessoas multiculturais, daí que criar barreiras à criatividade torna-se muito fácil.

De acordo com **Cerqueira (1988)**, citando Simberg, as barreiras de natureza cultural iniciam-se no ambiente familiar, juntando-se a outras ao longo da vida escolar e, posteriormente, na vida profissional.

1.3. CONTRIBUTOS DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE

Como já foi referido anteriormente o desenvolvimento da criatividade faz parte dos quatro eixos da literacia em artes.

Assim, de acordo com o **CURRÍCULO NACIONAL DO ENSINO BÁSICO – COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS (2001)** é necessário “*valorizar a expressão espontânea, procurar soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas, seleccionar a informação em função do problema, escolher técnicas e instrumentos com intenção expressiva, intervir símbolos / códigos para representar o material artístico, participar em momentos de improvisação no processo de criação artística*” (154).

Com efeito, na prática do ensino supervisionada houve uma preocupação redobrada no que diz respeito ao desenvolvimento de actividades que estimulassem e motivassem os alunos, apesar de saber que o senso comum, quase sempre, considera as manifestações artísticas como um “dom”.

No entanto, com alguma experiência profissional, verifico que a arte tem mais relação com a oportunidade, motivação para criar e dedicação.

Frequentemente os alunos não são suficientemente estimulados a pensar, a reflectir, a conceber projectos (simples ou mais complexos). O debate de ideias sobre temas diversificados é essencial para se desenvolverem novas ideias e desenvolver a criatividade. É, portanto, importante que nas escolas se fomente o debate de ideias, como forma, não só de esclarecer assuntos, mas também para desenvolver a capacidade imaginativa - a criatividade.

Em relação aos alunos, tenho a perfeita consciência que se deve transmitir aos mesmos a ideia de que todos são criativos, uns mais outros menos, e que só têm que procurar pensar sobre os assuntos, desenvolver os temas, concretizar ideias. Com trabalho e perseverança, melhorarão certamente as suas capacidades criativas.

Poder-se-á ser criativo em Língua Portuguesa, em Matemática, em Ciências, em Filosofia, nas áreas Técnicas, etc., mas, evidentemente que cabe ao professor estimular o aluno nesse sentido, proporcionando situações de aprendizagem que o estimulem a desenvolver essas capacidades escondidas, seja através de debates, seja através de projectos, seja através da leitura de determinados temas, ou através de pesquisas na internet, em bibliotecas, entre outros.

Como tal, ao longo da prática do ensino supervisionada, abrangendo os vários níveis de educação ou ciclos de ensino e disciplinas, tais como Educação e Expressão Plástica, Educação Visual e Tecnológica, Educação Tecnológica e Educação Visual, foram realizados planos de unidade que tiveram sempre, ou quase sempre, em conta uma componente que desenvolvesse a criatividade.

No que diz respeito à prática do ensino supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico, na disciplina de Expressão e Educação Plástica, um dos objectivos relevantes a que me propus foi dar à criança a possibilidade de se exprimir de forma pessoal, procurando também proporcionar-lhe prazer nas múltiplas experiências realizadas, o que penso ter conseguido perante a reacção de entusiasmo que neles vi, nas várias actividades que foram desenvolvendo.

É de referir que nos planos de unidade desenvolvidos com os alunos lhes possibilitei a experimentação dos mais variadíssimos tipos de materiais reutilizáveis e a utilização de um vasto número de técnicas de trabalho o que os levou a realizar as actividades com grande satisfação.

A turma teve à sua disposição um leque de materiais diversificados que podiam experimentar e usar na construção / realização dos projectos em execução. Restos de tecidos, tules, missangas, vários tipos de papéis, fitas de seda, rafia, pequenos adornos, pacotes de leite, copos de iogurte, foram alguns dos elementos utilizados pelos alunos. Mas a prova de que eles estavam entusiasmados e motivados para aqueles trabalhos foi-me dada quando, nas aulas seguintes, sem lhes ter sido pedido, eles trouxeram outro tipo de materiais reutilizáveis para colocarem e utilizarem no trabalho que estavam a desenvolver.

Por tais motivos tenho consciência de que, nesta prática do ensino supervisionada realizada no 1º Ciclo do Ensino Básico, proporcionei aos alunos momentos de criatividade, de satisfação, descontração e actividades lúdicas relacionadas com a Expressão Plástica.

No que se refere à prática do ensino supervisionada realizada no 2º Ciclo, na disciplina de Educação Visual e Tecnológica, é importante referir que a turma revelou no início, mais concretamente na aula de observação, alguma desmotivação e desinteresse pela disciplina. Daí ter sido para mim um factor de preocupação a procura de processos que pudessem contribuir para alterar esta situação.

Assim, optei por aulas de carácter mais prático e com recurso a novas experiências que, aos poucos, acabaram por tornar os alunos mais interessados nas actividades.

Em face disto, os resultados obtidos pelos alunos foram satisfatórios, verificando-se um grande empenhamento da parte de todos, factos que mereceram o reconhecimento da parte dos professores cooperantes.

Esta mudança de atitude dos alunos perante a disciplina tornou-se ainda mais visível no caso de um aluno com Necessidades Educativas Especiais que, ao contrário do que se tinha verificado até então, passou a participar de forma mais activa em todas as actividades propostas mostrando até alguma criatividade.

Contudo tive como principal objectivo promover nos alunos a criatividade e a estimulação, recorrendo à expressão plástica e à exploração de técnicas diversificadas, ou seja, houve a preocupação de estimular a procura do maior número possível de respostas, promover a reflexão sobre as técnicas e os meios adequados, a sua inventariação e exploração.

Paralelamente ao referido, foi igualmente objectivo constante a preocupação de inculir nos alunos o gosto pela Arte, desenvolver a sua sensibilidade estética e sensibilizá-los para a importância da reutilização de materiais. Para além disso, o trabalho desenvolvido proporcionou aos alunos momentos de criatividade e descontração.

Tenho a perfeita noção de que os alunos se libertaram e mostraram mais empenho no cumprimento do plano de unidade intitulado “Reutilizarte” pois tive a oportunidade de ver estampado no rosto dos mesmos o gosto por tudo aquilo que estavam a realizar proporcionando-me assim uma gratificante recompensa de todo o esforço enquanto docente de Educação Visual e Tecnológica.

Em relação à PES no 3º Ciclo, à disciplina de Educação Tecnológica, logo nas primeiras aulas, como identificação de problemas, verificaram-se, da parte de alguns alunos, comportamentos inadequados, dificuldades de atenção e concentração, dificuldades na compreensão, lacunas de aprendizagem, falta de hábitos de estudo e métodos de organização no trabalho e dificuldades em participar de forma ordenada.

No referente às aulas por mim leccionadas, é de salientar que a PES começou depois de o professor cooperante ter combinado com a turma a realização de um objecto técnico, estando este a ser já trabalhado por alguns alunos.

Com efeito, na aula de intervenção, com o intuito de motivar os alunos e de lhes abrir perspectivas diferentes sobre a temática dos trabalhos que iam desenvolver, tive o cuidado de mostrar uma série de trabalhos realizados por outros alunos em anos lectivos anteriores, bem como algumas fotografias que foram projectadas do computador. Assim, tenho perfeita noção que consegui com que os

alunos desde logo começassem a ter algumas ideias que foram sendo partilhadas enquanto fomos verificando até que ponto seriam exequíveis.

No entanto, é importante referir que a maioria dos alunos não se revelaram suficientemente autónomos pois não realizavam as tarefas sem o auxílio ou a concordância dos professores.

Com estas particularidades, sem descurar os conteúdos a leccionar, tive uma atenção crescente no desenvolvimento de capacidades tais como criatividade, proporcionando aos alunos momentos de criação, trabalho em equipa, autonomia nas aquisições e na resolução de problemas. Encorajei-os a usarem a imaginação para criarem objectos técnicos diferentes, exteriorizando assim, os seus sentimentos e ideias. Fiz com que a disciplina contribuísse para que os alunos tomassem consciência das transformações que se vão verificando no mundo e da necessidade de serem controladas.

Falando especificamente nos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, nos quais proporcionei momentos de criatividade, foi necessário criar espaços e momentos de comunicação, dando dicas e estimulando positivamente os alunos, cultivando, assim, a atenção sobre aquilo que os mesmos desejavam criar. Fiz com que os alunos utilizassem materiais reutilizáveis para a concretização dos projectos por eles idealizados e que houvesse uma gama de variadíssimos objectos técnicos.

Neste contexto, estou convicta que o papel do professor é tentar reduzir o impacto dos factores que inibem a criatividade e tentar manter e incrementar os factores estimuladores do processo criativo. Com efeito, a atitude do professor é considerada determinante para o desenvolvimento da criatividade.

Ao aluno que inicia o 3º Ciclo, o desenho, a experimentação plástica, a aprendizagem de códigos visuais, o conhecimento do mundo das formas e das cores e ainda o exercício da imaginação e da criatividade são fundamentais para desenvolver a percepção e a sensibilidade, principais objectivos da Educação Visual.

Desta maneira, incentiva-se a compreensão e a fruição da Arte e da Cultura, ao mesmo tempo que se introduz, no currículo dos alunos, um espaço de liberdade e sentido lúdico.

Assim, na prática do ensino supervisionada desenvolvida no 3º Ciclo, à disciplina de Educação Visual, como principal objectivo propus aos alunos que, de uma forma simples e interessante, descobrissem e aprendessem a “ver” o mundo de formas, espaços e movimentos que os rodeiam, na Natureza e na Arte, e ainda que experimentassem, imaginassem e criassem, utilizando materiais e técnicas variadas.

Para o efeito, tive em consideração as competências específicas que o aluno deve adquirir em

Artes Visuais, nomeadamente fruição - contemplação, produção - criação e reflexão - interpretação. Das competências referidas dei mais atenção à última visto que é nela que se poderá reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes.

Desta forma considero ter abordado os conteúdos fundamentais para os alunos deste grau de ensino, utilizando uma linguagem acessível, motivando-os através da imagem e de propostas de trabalho as mais diversificadas possíveis, abrindo assim caminho à curiosidade pelos fenómenos artísticos e à sensibilidade estética associada ao trabalho de experimentação e pesquisa, ao rigor e à criatividade.

Para conseguir um bom ambiente e motivação, procurei alargar o espaço das experiências visuais e tácteis, despertando visualmente os alunos para os elementos da linguagem visual que lhes permitem comunicar de uma forma mais eficaz.

É muitas vezes no “nosso” espaço de aula que o aluno redescobre o seu gosto pela matéria e pela expressão. Com esta prática do ensino supervisionada tomei consciência que a maioria dos alunos, nas actividades de carácter mais prático e experimental, se envolve de forma entusiástica, revelando imaginação, criatividade, empenho, deixando transparecer o seu gosto e a sua sensibilidade para a educação artística e o respeito pela arte como factor de criação.

A criatividade está dentro do processo criativo, ou seja, dentro do pensar e do agir. A criatividade está dentro de cada um de nós; ser criativo é ser persistente, é não desanimar na primeira dificuldade e ter confiança em si mesmo e naquilo que se faz.

A criatividade é, no entanto, algo que é difícil de definir. É a capacidade de analisar a realidade de forma diferente da maioria das pessoas; é a capacidade de apresentar, construir algo diferente daquilo que são as normas estabelecidas.

Nasce-se com criatividade para determinadas áreas, uns mais outros menos, uns mais multifacetados, outros nem tanto. Uns têm jeito para a música, outros para o teatro, outros para a pintura, outros para a poesia, outros para trabalhos manuais, etc. Penso que todos nós temos potencialidades para criar alguma coisa. O que acontece frequentemente é que algumas pessoas nunca descobriram realmente onde se manifesta mais vincadamente a sua área de criatividade.

A interacção entre os alunos e entre aluno / professor deve ser constante, agradável, recíproca e confiável de modo a que aos alunos sejam dadas condições que lhes permitam ir descobrindo a sua capacidade criativa.

Segundo **Miel (1972)** para que os alunos sejam criativos é preciso deixar que eles se arrisquem, precisam de agir como se pudessem cuidar de si próprios de maneira a estarem disponíveis para as experiências.

Com efeito, o professor precisa de procurar oferecer condições propícias à disposição de assumir riscos, bem como fornecer pistas de maneira a que o aluno consiga desenvolver a sua criatividade.

Vem a propósito a narração de **Miel (1972)** acerca de um pequeno episódio entre uma aluna e a professora:

Numa sala de aula uma menina, Jane, pede à professora um título para a sua história. No entanto, a professora, em vez de responder directamente à solicitação da aluna, leu-lhe a história que esta escrevera, para que a própria aluna lhe arranjasse um título.

Após ter feito a leitura cuidada e expressiva da história, a menina continuava a não ser capaz de indicar um título. Então, a professora perguntou-lhe qual o assunto da mesma ao que Jane respondeu que falava acerca de uma menina, uma menina de Abril. E assim que disse isto exclamou triunfantemente que já tinha o título para a sua história: “Uma menina de Abril”.

O desafio para a inter e multidisciplinaridade deve estar sempre presente na cultura da escola. A utilização de ferramentas, técnicas e métodos deve considerar múltiplos recursos capazes de provocar incentivos positivos, estimular o gosto pela descoberta, despertar a criatividade, ampliar a imaginação, aperfeiçoar a concentração, trabalhar a timidez, bem como valorizar os materiais de “sucata” desenvolvendo a educação ambiental.

Não é fundamental que o aluno possua um enorme conjunto de conhecimentos / soluções para os problemas que lhe vão surgindo. Interessa sim que ele se habilite a criar as suas próprias soluções, que invente, que descubra e que crie.

Estimular a criatividade será provar ao aluno que se confia nele, nas suas possibilidades de realização, levando-o a descobrir que a criação é mais importante que a simples execução reprodutiva. Ele próprio irá descobrir que afinal, a técnica é apenas um meio para dar forma à sua imaginação criativa.

Estabelecendo como ponto de partida uma acção inteiramente criativa, a perfeição técnica sucederá e evoluirá naturalmente. Se se cai no erro pedagógico de adiar uma insistência criativa, para só quando a técnica estiver “bem aprendida” e o aluno conhecer todos os meios para criar,

verificaremos que, quando chegar essa altura, ele está condicionado, baseando-se em estereótipos em vez de criar livremente.

1.4. METODOLOGIA

A investigação foi realizada durante a prática do ensino supervisionada do presente ano lectivo, na disciplina de Educação Visual, na Escola Básica e Secundária da Sé - Lamego. Envolveu uma turma com 22 alunos do 8º ano de escolaridade do Ensino Básico, sendo composta por 12 alunos do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

Este estudo, relativamente à sua natureza, caracteriza-se como uma investigação qualitativa.

A ideia da presente investigação surgiu, durante a prática do ensino supervisionada, depois de ter analisado os resultados obtidos nos trabalhos realizados pela turma, num plano de unidade intitulado “Elementos Naturais”, onde se verificou a ausência de criatividade por parte dos alunos.

Assim, a problemática do estudo foi operacionalizada na investigação através do cumprimento de um outro plano de unidade realizado para o efeito.

A parte experimental refere-se ao plano de unidade, em baixo apresentado, intitulado “Traçados Geométricos”, implementado na turma em análise, constituído por 8 aulas, com a duração de 90 minutos cada, tendo sido iniciado no dia 21 de Janeiro de 2011 e concluído no dia 11 de Março do mesmo ano. Os planos de aula poderão ser consultados em apêndice [Apêndice 1], bem como um exemplar da ficha de auto-avaliação referente ao plano de unidade em questão [Apêndice 2].

| | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Compreende os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente; • Utiliza os efeitos da cor na melhoria da qualidade do ambiente; • Aplica os conhecimentos adquiridos sobre a cor – Sensação e a influência da cor no comportamento; • Compreende a cor dos objectos como resultado da absorção e reflexão selectivas das ondas luminosas pela matéria; • Compreende as diferenças entre a síntese aditiva da luz e a síntese subtractiva dos pigmentos; • Conhece as cores primárias e secundárias da síntese aditiva e as sínteses subtractiva e conhece as suas aplicações. • Identifica conceitos em obras artísticas e aplica os conhecimentos em novas situações; • Procura soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas. |
| Estratégias Metodológicas Implementadas | | |
| <p>A aula começará por um diálogo com os alunos abordando as áreas de exploração. De seguida identificar-se-ão situações problemáticas e serão propostas soluções para o problema com escolha da melhor solução. Far-se-á uma abordagem às técnicas a desenvolver (desenho e pintura) e estabelecer-se-á o número de sessões a realizar. Posteriormente a turma será convidada a visualizar exemplos ou situações similares de trabalhos realizados anteriormente por outros alunos. Seguidamente haverá um diálogo sobre o trabalho a realizar (traçados geométricos e aplicação dos mesmos numa composição visual). Prevê-se que esta primeira fase tenha a duração aproximada de 15 minutos. De seguida, os alunos serão convidados a pegar numa folha A3 e a começarem por traçar a esquadria de 2</p> | | |

centímetros.

Depois, numa previsão de aproximadamente 60 minutos, a professora irá traçar, no quadro, arcos / linhas curvas concordantes e, mediante os passos que forem realizados com a devida explicação, a docente vai dando tempo para que os alunos consigam acompanhar o raciocínio e façam o mesmo na folha de papel de cavaleiro. Quanto ao exercício em questão, a nível de orientação espacial, este terá como base rectas na horizontal, na vertical e na oblíqua, com mudanças de direcção.

Depois de terminado o exercício referido anteriormente, os alunos, numa outra folha de papel de cavaleiro A3 com uma esquadria de 2 centímetros, serão convidados a traçar uma espiral bicêntrica, ou seja, com dois centros, e uma espiral tricêntrica, com três centros. Neste seguimento, a turma terá de repetir os passos que serão demonstrados no quadro pela professora. É importante referir que, durante toda a aula, os alunos terão todo o apoio da professora sempre que o solicitarem.

Posteriormente, no tempo restante, os alunos serão convidados a visualizar um PowerPoint onde poderão ver obras de arte pertencentes ao período Cubista, realizadas por artistas plásticos. Para finalizar a aula, haverá um espaço de diálogo entre professora e alunos sobre o que foi visualizado.

Na segunda aula planificada, a professora irá traçar no quadro a espiral quadricêntrica, ou seja, com quatro centros. A docente, mediante os passos que irá realizar na construção da espiral, dará tempo para que os alunos consigam acompanhar o raciocínio e façam o mesmo na folha de papel de cavaleiro, onde traçaram anteriormente a espiral bicêntrica e tricêntrica.

Posteriormente será solicitado aos alunos da turma para aplicarem os conhecimentos adquiridos sobre os traçados geométricos. Para tal, a professora irá dar algum tempo para que os alunos possam tirar dúvidas acerca dos traçados geométricos dados anteriormente.

De seguida, a turma terá de pegar numa folha A3 e começar por fazer a esquadria de 5 centímetros, a toda a volta. Depois, os alunos terão de elaborar uma composição visual onde utilizem pelo menos 2 espirais diferentes e várias linhas curvas concordantes, com diversas orientações espaciais. De referir que a turma poderá realizar uma moldura a toda a volta da composição visual, utilizando as linhas curvas concordantes, tendo já sido pedida a esquadria de 5 centímetros para o efeito.

Para finalizar a aula a turma é convidada a visualizar um PowerPoint sobre o Abstraccionismo Geométrico, havendo espaço para um diálogo sobre o que foi visto.

Na terceira aula programada neste plano de unidade, os alunos terão a possibilidade de saírem do contexto sala de aula e irem ao Teatro Ribeiro Conceição, em Lamego, para visualizarem a exposição intitulada “Recriações”. A visita em questão tem como objectivos contactar com novas técnicas, observar, interpretar e descrever soluções técnicas, reconhecer a importância das Artes Visuais, visualizar diferentes meios expressivos de representação, compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos e reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes. Ainda no espaço da exposição os alunos terão a oportunidade de falarem sobre o que estão a visualizar, bem como de sugerirem diferentes soluções técnicas para além das que observaram.

Na quarta aula prevista para este plano de unidade, os alunos terão de terminar os traçados geométricos iniciados na segunda aula. Para a actividade referida, a professora dará aproximadamente 60 minutos.

Para finalizar a aula, a turma será convidada a ver um PowerPoint sobre a Arte Portuguesa até aos anos 60, seguindo-se um diálogo sobre o que foi visto.

Na aula seguinte, durante sensivelmente 20 minutos, a turma começará por visualizar um PowerPoint sobre a Op Art e depois haverá um diálogo com os alunos sobre todos os PowerPoints visualizados nas aulas anteriores, de modo a verificar de que forma a informação e ideias retidas dessa visualização poderão vir a influenciar a sua forma de expressão artística.

Posteriormente ser-lhes-á dado o tempo restante da aula para que possam aplicar a técnica da pintura na composição visual iniciada anteriormente, utilizando apenas os marcadores como meio riscador. É importante referir que nesta fase será pedido aos alunos para utilizarem e desenvolverem o domínio técnico, aplicando as cores neutras associadas a outras cores, tais como cores frias e quentes, primárias e secundárias e complementares. Deve referir-se que a turma já trabalhou, no início do 1º período, o conteúdo da cor. Esta fase do trabalho terá como principal objectivo desenvolver a criatividade, procurando soluções originais e diversificadas.

Nas duas aulas seguintes, será dada aos alunos a oportunidade de desenvolverem a criatividade ao aplicarem a técnica da pintura na Composição Visual iniciada em aulas anteriores.

Na oitava e última aula, os alunos terão de terminar a Composição Visual, procedendo-se de seguida à exposição dos trabalhos realizados e ao respectivo registo fotográfico.

Haverá ainda espaço para um diálogo aberto entre aluno / professora e verificação do nível das respostas aos problemas.

Por último, será feita a auto e hetero-avaliação dos projectos realizados e dada uma opinião qualitativa por parte da professora, no contexto de uma reflexão conjunta. Será também pedido aos alunos o preenchimento de uma ficha de auto-avaliação, referente ao Plano de Unidade em questão.

Orçamento:

- O material necessário para este plano de unidade faz parte da capa de cada aluno e será trazido de casa por eles.
 - ✓ Lápis de grafite, marcadores, papel de cavalete A3, régua, esquadro, compasso, entre outros.

Bibliografia empregue:

- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) - "*Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*". Ministério da Educação. Lisboa.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) - "*Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico. Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo*". Ministério da Educação. Lisboa.
- JANSON, H. W. (2005). "*História da Arte*". Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- PEREIRA, José Fernandes (1995) - "*História da Arte – 12º ano*". Texto Editora. Lisboa.
- PINTO, Ana Lúcia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas (2008) - "*História da Cultura e das Artes*". Ensino Profissional – nível 3: Porto Editora. Porto.

OBSERVAÇÕES: O tempo previsto e mencionado ao longo deste plano de unidade estará sujeito a eventuais alterações visto que poderá ser necessário mais tempo para a execução das tarefas. Se assim acontecer, os planos de aula levarão pequenos ajustamentos de forma a não prejudicar o tempo que os alunos terão para concretizar o programado.

Tabela 5 – PLANO DE UNIDADE IMPLEMENTADO NO 3º CICLO: Disciplina de Educação Visual

No plano de unidade implementado e citado anteriormente, cada aluno teve de elaborar uma composição visual utilizando os conteúdos adquiridos durante as aulas sobre os traçados geométricos.

Como recursos para a implementação deste plano de unidade foram utilizados meios audiovisuais (projector, tela e computador), bem como meios mais tradicionais (quadro negro, réguas, esquadros e compasso).

É de referir que durante o plano de unidade foi prevista e realizada uma visita de estudo ao Teatro Ribeiro Conceição para que a turma tivesse oportunidade de visualizar a exposição intitulada “Recriações”. A visita em questão teve como objectivos contactar com novas técnicas, observar, interpretar e descrever soluções técnicas, reconhecer a importância das Artes Visuais, visualizar diferentes meios expressivos de representação, compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos e reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes. Ainda no espaço da exposição os alunos tiveram a oportunidade de falar sobre o que estavam a visualizar, bem como de sugerirem diferentes soluções técnicas para além das que observaram. Esta exposição afirmou-se, aliás, como uma excepção à regra que é a ausência de referências culturais de Arte Contemporânea na cidade e ficou a dever-se ao trabalho desenvolvido numa das escolas locais, no âmbito da disciplina de Educação Visual.

Durante as aulas leccionadas também foram apresentados PowerPoints sobre o Cubismo, o Abstraccionismo Geométrico, a Arte Portuguesa até aos anos 60, bem como sobre a Op Art, fazendo parte do já programado [Apêndice 3, do DVD anexado]. Promoveu-se, de seguida, um diálogo com os alunos sobre todos os PowerPoints visualizados ao longo das aulas, de modo a verificar de que forma a informação e ideias retidas dessa visualização poderiam vir a influenciar a sua forma de expressão artística.

Para a investigação referida foram analisados os trabalhos em execução de cada aluno e feita a verificação das respostas ao problema.

Neste contexto fez-se a comparação dos resultados de aprendizagem obtidos no plano de unidade intitulado “Elementos Naturais” com os elaborados no plano de unidade “Traçados Geométricos”.

1.5. RESULTADOS

Durante a prática do ensino supervisionada, na disciplina de Educação Visual, foram realizados alguns planos de unidade.

Como já foi referido anteriormente, depois de analisar os resultados obtidos nos trabalhos realizados pela turma, num plano de unidade intitulado “Elementos Naturais”, detectei que os alunos não foram suficientemente criativos e não demonstraram autonomia pois estavam constantemente a solicitar ajuda, o que se pode verificar nas figuras em baixo apresentadas [Figuras 36, 37, 38 e 39].

Os alunos manifestaram algumas reservas para a elaboração do trabalho tendo resultado daqui a pouca expressividade nos traços que delinearam. No que diz respeito às texturas, utilizando folhas de árvores, não houve a preocupação de fazer uma escolha das formas que permitisse a harmonização das montagens.

Por outro lado, verificou-se falta de equilíbrio nas composições visuais, tendo-se preocupado mais em ocupar os espaços, como se tratando de uma exercício mecânico. Com efeito, deveriam ter explorado melhor a técnica da colagem, procurando dar a ideia de movimentos quer de rotação, quer de translação, ou até mesmo colocar as texturas numa ordem crescente ou decrescente, o que indicaria um enquadramento simétrico mais complexo, que efectivamente não se verificou. Também a harmonia das cores foi, de certo modo, descurada pelos alunos, tendo feito uma utilização aleatória das mesmas, sem a preocupação de as combinar. Estas dificuldades resultantes, principalmente da pouca motivação evidenciada pelos alunos, levaram-nos a uma solicitação constante da ajuda da professora.



Figura 36 – POUCA EXPRESSIVIDADE NA COMPOSIÇÃO VISUAL



Figura 37 – FALTA DE PREOCUPAÇÃO NO QUE SE REFERE ÀS FORMAS DAS FOLHAS DAS ÁRVORES



Figura 38 – FALTA DE EQUILÍBRIO



Figura 39 – AUSÊNCIA DE HARMONIA NAS CORES UTILIZADAS

Perante esta situação e com o intuito de alterar esta postura por parte dos alunos, os planos de unidade implementados no seguimento deste foram trabalhados para que estes se sentissem mais estimulados e mais motivados.

No plano de unidade implementado para a presente investigação, os alunos já organizaram a composição visual de acordo com as indicações transmitidas, denotando um maior empenho. Assim,

verificou-se que, desde o início, eles mostraram maior interesse do que no desenvolvimento do plano de unidade referido anteriormente, tendo inclusivamente revelado um maior cuidado com a utilização das técnicas empregadas na elaboração dos trabalhos. Também o contraste de cores e o equilíbrio da composição visual se tornaram visíveis desta vez. Tal situação poderá ser analisada nas figuras em baixo apresentadas [Figuras 40, 41, 42 e 43].



Figura 40 – ORGANIZAÇÃO DA COMPOSIÇÃO VISUAL

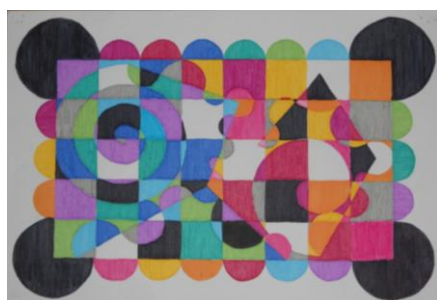


Figura 41 – UTILIZAÇÃO DAS CORES FRIAS E QUENTES

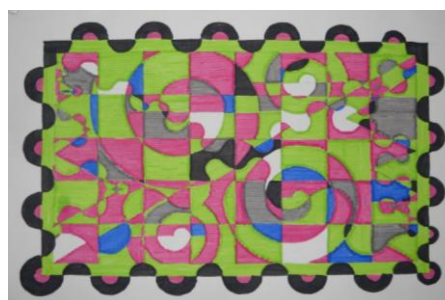
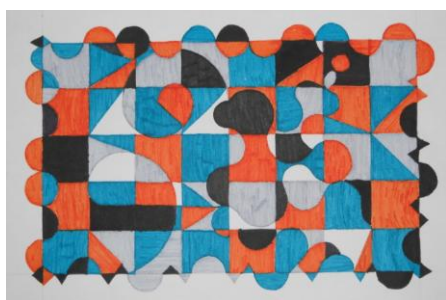


Figura 42 e 43 – PREOCUPAÇÃO NA UTILIZAÇÃO DAS CORES COMPLEMENTARES

É notório que a maior parte dos professores que leccionam os conteúdos da geometria limitam-se quase sempre à transmissão dos traçados geométricos aos alunos, levando-os a uma mera repetição e / ou mecanização dos exercícios. Consciente desta realidade, procurei criar situações em que os alunos pudessem aplicar os conhecimentos adquiridos sobre os traçados geométricos, desenvolvendo depois o processo criativo através da utilização da técnica da pintura. Foi neste sentido que considerei importante a visualização e análise de obras de artistas plásticos de várias épocas o que lhes serviu, de certo modo, de “alavanca” para a procura e aplicação das suas capacidades criativas.

Estimular as potencialidades criativas do aluno a partir de técnicas específicas e estimular a motivação, por exemplo através de uma visita de estudo ou apresentação de PowerPoints relacionados com obras de arte de vários artistas plásticos, são estratégias, a meu ver, que devem ser utilizadas pelos professores para desenvolver e estimular nos alunos o processo criativo.

Acredito que o professor pode influenciar a criatividade do aluno, e para que ele se torne criativo é necessário que tenha oportunidade.

Kraft (2004) refere que, no pensamento criativo, a motivação é essencial e que se não existe motivação, não existe criatividade. Não concordo plenamente com esta ideia, pois considero que há pessoas que possuem um “dom” e que já são criativas por “natureza” - os chamados *gênios*. Nestes casos, sou de opinião de que a motivação poderá ser considerada como algo intrínseco que resulta de uma capacidade fora do normal para criar de uma forma natural e espontânea.

“Dom”

“Deus dá a todos uma estrela.

Uns fazem da estrela um sol.

Outros nem conseguem vê-la”.

Helena Kolody

1.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem qualquer pretensão conclusiva, espero que esta investigação tenha contribuído para a compreensão da relevância social da criatividade como fundamento essencial ao processo pedagógico, podendo auxiliar na formação de seres mais criativos, mais autênticos e mais livres.

Esta experiência proporcionou-me um amplo crescimento pessoal e profissional e deixo já registado que continuarei a pesquisa, pois para além de poder contribuir socialmente para a educação, irá certamente trazer-me benefícios enquanto ser humano em construção.

Antes de ser um estudo conclusivo, esta investigação apresenta-se como um novo desafio, pois acredito na possibilidade de educar desenvolvendo seres humanos mais criativos, mais expressivos e responsáveis pela sua própria existência, ou seja, seres que agem para conseguir os seus objectivos sem medir esforços, mas levando em consideração os direitos dos outros seres envolvidos no mesmo processo.

Torna-se assim claro que este relatório final não tem por objectivo sanar todas as dúvidas que pairam sobre as questões da criatividade, mas sim levantar algumas questões ligadas ao desenvolvimento do processo criativo na actividade escolar.

Em função da revisão bibliográfica e da análise dos resultados obtidos poder-se-á dizer que o processo criativo pode, efectivamente, ser desenvolvido nos alunos através de uma constante preocupação em os motivar e incentivar.

O exposto neste trabalho conduz a algumas reflexões sobre a criatividade e a sua função no processo educativo, sobre o papel do professor como facilitador e o papel das instituições educacionais na aceitação e compreensão da importância fundamental desses elementos no desenvolvimento do processo criativo.

Esses elementos podem constituir-se em factores estimuladores ou inibidores dessa aprendizagem, pois parte-se do pressuposto que o aluno necessita de condições favoráveis para construir significativamente o seu conhecimento.

O papel da escola é fazer com que os seus alunos aprendam com prazer sentindo que esse ambiente é o seu espaço, legitimando a importância da sua presença, participação e criação. A criatividade deve ser vista como um elo dinâmico na relação que se estabelece entre ensino e

aprendizagem. Dessa forma, o aluno será atendido não somente no seu desenvolvimento cognitivo, mas também no âmbito social e emocional tendo uma adaptação significativa ao meio onde vive desempenhando melhor o seu papel de agente criativo e inovador diante do seu mundo e das pessoas que o cercam.

Para isso é de suma importância que os professores recebam, na sua formação, preparação para trabalhar com o processo criativo e que as instituições educacionais se adequem a essa realidade.

Desta forma, é necessário considerar que cabe aos membros formadores da comunidade escolar, gestores e professores, ter conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e sobre os processos criativos. Para que os alunos possam ser criativos, na realização dos seus trabalhos, é necessário, por vezes, serem estimulados para a busca de soluções até então inimagináveis e, por conseguinte, inéditas.

A pesquisa evidencia ao longo do trabalho que, segundo **Gonçalves (1991)**, a criatividade desperta-se através do fazer e da experimentação constante. Ser criativo é ser persistente, é acreditar no seu potencial. O papel da escola, por meio do ensino da arte, nesse sentido, é desenvolver a sensibilidade, explorar os sentidos, pois o professor pode sim influenciar e incentivar a criatividade do aluno, oferecendo-lhe oportunidades de ser criativo.

Pode-se perceber que, para o desenvolvimento da criatividade, os momentos de vivências criativas precisam de ser constantemente exercitados e levados a uma intenção: a de criar. A criatividade, mesmo sendo um fenômeno, que muitas vezes provém do acaso da criação, deve ser trabalhada e implementada na sala de aula.

As aulas de artes são curtas (90 minutos), e para fazer um bom trabalho devem ser proporcionadas situações em que o aluno tenha contacto com a arte num tempo mais alargado. Porém o que tem acontecido na escola são aulas fragmentadas, tendo o aluno no mesmo dia disciplinas diferentes de forma isolada.

Sendo assim, a escola precisa de criar os espaços, adaptar-se a uma nova realidade, proporcionando a necessária mudança, para que o processo criativo se vá desenvolvendo.

Através desta investigação apercebi-me de que um dos pré-requisitos para a ocorrência do desenvolvimento criativo é aceitar a curiosidade dos alunos, em vez de, como muitas vezes acontece,

a ignorar quer porque o momento não é o apropriado, quer porque a pressão do cumprimento dos programas não permite “perdas de tempo”.

Observei também que a maior dificuldade que os alunos revelam em exprimir-se com alguma criatividade está relacionada com a insegurança em mostrar o que produziram, tal como referem **Lowenfeld e Britain (1970)** quando dizem que a criança na idade entre os 9 e 12 anos começa a esconder os desenhos com vergonha de os mostrar.

Sobre o interesse em perceber se as aulas de artes propiciavam uma maior contribuição para o desenvolvimento da criatividade, observei que as actividades artísticas constituem modos específicos da manifestação da actividade criativa dos seres humanos. Destaco o prazer que os alunos sentiam nas aulas, na realização das actividades propostas. Quanto mais o aluno se envolver com o processo criativo, mais significados vão sendo descobertos, tornando-se, certamente, um adulto mais sensível e crítico em relação ao seu próprio modo de viver.

Em conclusão, o trabalho por mim efectuado, foi bastante gratificante pois, graças a ele aumentei o meu leque de conhecimentos quer a nível puramente teórico quer a nível da minha prática lectiva.

A maior dificuldade encontrada para a elaboração desta investigação prendeu-se com a gestão do tempo, uma vez que a prática do ensino supervisionada ia já a meio.

Espero ter conseguido atingir os objectivos dentro das possibilidades que a realidade prática me proporcionou. De qualquer forma, estou consciente de que depus nesta investigação todo o meu esforço e empenho, até porque se trata de um tema que me é particularmente grato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, J.L. (1986) – “*Conceptual Blockbusting: A guide to better ideas*”. Perseus Books. Massachusetts.
- ALARCÃO, I.; FREITAS, C. V.; PONTE, J. P.; ALARCÃO, J.; & TAVARES, M. J. F. (1997) – “*A formação de professores no Portugal de hoje*” (Documento de um grupo de trabalho do CRUP – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas).
- ALENCAR, E. M. L. S. (1995) – “*Criatividade*”. Universidade de Brasília. Brasília.
- ALENCAR, E. M. L. S. et al (1996) - “*Barreiras à expressão da criatividade entre profissionais da área de Educação*”. XXVI Reunião Anual de Psicologia. SP. Ribeirão Preto.
- BARBOSA, Ana Mãe Tavares Bastos (1999) – “*A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*”. Perspectiva. São Paulo.
- BOHM, David; PEAT, F. David (1989) – “*Ciência, Ordem e Criatividade*”. *Ciência Aberta*, nº 34. Publicações Gradiva. Lisboa, pp. 301 – 350.
- CERQUEIRA, Siomara Vilanova (1988) – “*Administrando a mudança rumo à criatividade*”. PUC. Porto Alegre.
- COUSINET, R. (1976) – “*A Educação Nova*”, 4ª edição. Moraes. Lisboa.
- DE BONO, Edward (1994) – “*Criatividade Levada a sério*” Pioneira. São Paulo.
- FERREIRA, A. B. de H. (1997) – “*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*”. 2ª Edição. Nova Fronteira. Rio de Janeiro.
- FERREIRA, Sueli (org.) (2001) – “*O Ensino das Artes: Construindo Caminhos*”. Papirus. Campinas.
- FREUD, Sigmund (1994) - “*Textos Essenciais sobre Literatura, Arte e Psicanálise*”. Publicações Europa – América: Men Martins. Lisboa.
- GONÇALVES, Eurico (1991) – “*A Arte descobre a Criança*”. Raiz Editora, Lda. Lisboa.

- JANSON, H. W. (1992) – “*História da Arte*”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- JANSON, H. W. ; JANSON, Anthony (1987) – “*Iniciação à História da Arte*”. Edições Martins Fontes. São Paulo.
- KNELLER, G. F. (1971) – “*Arte e ciência da criatividade*”. 2ª Edição. IBRASA. São Paulo.
- KNELLER, G. F. (1978) - “*Arte e ciência da criatividade*”. 5ª Edição. IBRASA. São Paulo.
- KOLODY, Helena (1988) – “*Viagem no espelho e vinte e um poemas inéditos*”. Editora CRIAR. Rio de Janeiro.
- KRAFT, Ulrich (2004) – “*Em busca do Génio da lâmpada*”. Viver Mente e Cérebro. Duetto. São Paulo.
- LOWENFELD, Viktor (1957) – “*Creative and mental growth*”. 3ª Edição. Macmillan. N. York.
- LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. L. (1970) – “*Arte e a criança: desenvolvimento da capacidade criadora*”. Mestre Jou. São Paulo.
- MIEL, Alice (coord.) et al (1972) – “*Criatividade no Ensino*”. IBRASA – Instituição Brasileira de Difusão Cultural S/A. São Paulo.
- MIRSHAWKA, Victor; MIRSHAWKA, Victor Jr (1992) - “*Qualidade da Criatividade*”. Makron Books. São Paulo.
- OECH, R. (1997) - “*Um toc na cuca*”. Cultura Editores Associados. São Paulo.
- OSTROWER, F. (1987) – “*Criatividade e processos de criação*”. 6ª Edição. Vozes. Petrópolis.
- OSTROWER, F. (1995) – “*Acasos e criação artística*”. Elsevie. Rio de Janeiro.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. (2004) – “*Estágio e docência*”. Cortez. São Paulo.
- SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA – SES (2007) – “*Criatividade*”. Série Rede SESI de Educação, vol. 12. SESI/DN. Brasília.
- SOUSA, Alberto (2003) – “*Educação pela Arte e Artes na Educação*” (vol. 1). Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget. Lisboa.

SOUSA, Alberto (2003) – “*Educação pela Arte e Artes na Educação*” (vol. 3). Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget. Lisboa.

STEMBERG, Robert J.; WILLIAMS, Wendy M. (1999) - “*Como desenvolver a Criatividade do aluno*”. Coleção cadernos CRIAP – Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico. Edições Asa. Porto.

TORRANCE, E. P.; TORRANCE, J. Pansy, (1974) – “*Pode-se ensinar criatividade*”. E.P.V. São Paulo.

UNESCO (2006) – “*Roteiro para a Educação Artística*”. Edição: Comissão Nacional da Unesco. Website: www.unesco.pt.

VASCONCELLOS, E. (1990) - “*La empresa innovadora*”. In: BID-SECAD-CINDA. Santiago. Chile.

VYGOTSKY, L. S. (1987) - “*La imaginacion e el arte en la infancia*”. (Ensaio Psicológico). Hispanicas. México.

WEISBERG, Robert W. (2006) – “*Modes of expertise in creative thinking: evidence from case studies*”. Cambridge University Press. New York.

LEGISLAÇÃO

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d). “*Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*”. Ministério da Educação. Lisboa.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d). “*Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico - Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo*”. Ministério da Educação. Lisboa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1991). “*Educação Visual e Tecnológica – Organização Curricular e Programas - 2º Ciclo do Ensino Básico*” (vol. I). Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Lisboa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1991). “*Programa de Educação Visual e Tecnológica – Plano de Organização de Ensino – Aprendizagem - 2º Ciclo do Ensino Básico*” (vol. II). Direcção Geral dos

Ensinos Básico e Secundário. Lisboa.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001). *“Educação Tecnológica, 3º Ciclo do Ensino Básico. Orientações Curriculares, 7º e 8º anos”*. Ministério da Educação. Lisboa.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2004). *“Organização Curricular e Programas – Ensino Básico – 1º Ciclo”* (4ª edição). Ministério da Educação. Lisboa.

ANEXOS

APÊNDICES

Estratégias Metodológicas Implementadas

A aula começará por um diálogo com os alunos abordando as áreas de exploração. De seguida identificar-se-ão situações problemáticas e serão propostas soluções para o problema com escolha da melhor solução. Far-se-á uma abordagem às técnicas a desenvolver (desenho e pintura) e estabelecer-se-á o número de sessões a realizar. Posteriormente a turma será convidada a visualizar exemplos ou situações similares de trabalhos realizados anteriormente por outros alunos.

Seguidamente haverá um diálogo sobre o trabalho a realizar (traçados geométricos e aplicação dos mesmos numa composição visual). Prevê-se que esta primeira fase tenha a duração aproximada de 15 minutos. De seguida, os alunos serão convidados a pegar numa folha A3 e a começarem por traçar a esquadria de 2 centímetros.

Depois, numa previsão de aproximadamente 60 minutos, a professora irá traçar, no quadro, arcos / linhas curvas concordantes e, mediante os passos que forem realizados com a devida explicação, a docente vai dando tempo para que os alunos consigam acompanhar o raciocínio e façam o mesmo na folha de papel de cavalinho. Quanto ao exercício em questão, a nível de orientação espacial, este terá como base rectas na horizontal, na vertical e na oblíqua, com mudanças de direcção.

Depois de terminado o exercício referido anteriormente, os alunos, numa outra folha de papel de cavalinho A3 com uma esquadria de 2 centímetros, serão convidados a traçar uma espiral bicêntrica, ou seja, com dois centros, e uma espiral tricêntrica, com três centros. Neste seguimento, a turma terá de repetir os passos que serão demonstrados no quadro pela professora. É importante referir que, durante toda a aula, os alunos terão todo o apoio da professora sempre que o solicitarem. Posteriormente, no tempo restante, os alunos serão convidados a visualizar um PowerPoint onde poderão ver obras de arte pertencentes ao período Cubista, realizadas por artistas plásticos. Para finalizar a aula, haverá um espaço de diálogo entre professora e alunos sobre o que foi visualizado.

Bibliografia empregue:

- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “*Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*”. Ministério da Educação. Lisboa.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “*Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico. Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo*”.
- JANSON, H. W. (2005) – “*História da Arte*”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- PEREIRA, José Fernandes, (1995) – “*História da Arte – 12º ano*”. Texto Editora. Lisboa.
- PINTO, Ana Lúcia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas, (2008) – “*História da Cultura e das Artes*”. Ensino Profissional – nível 3. Porto Editora. Porto.

OBSERVAÇÕES:

| Agrupamento de Escolas da Sé - Lamego Escola Básica e Secundária da Sé – Lamego | | |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Disciplina / Turma: Educação Visual 8º A | Horário: Sexta-feira: 10H e 15m às 11H e 45m | Estagiária: Patrícia Pinto |
| Público-alvo: Alunos do 8º ano de escolaridade | Plano de aula 3.2. do dia: 28-01-2011 Nº de aulas previstas: 8 sessões | Início: 10H e 15m Fim: 11h 45m |
| Unidade Curricular Nº3: Traçados Geométricos | | |
| Conteúdos | Áreas de Exploração | Resultados de Aprendizagem |
| <p><u>Comunicação Visual</u></p> <p><u>Elementos da forma</u></p> | <p><input checked="" type="checkbox"/> <u>Desenho</u></p> <p><input type="checkbox"/> <u>Pintura</u></p> <p><input type="checkbox"/> <u>Escultura</u></p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreende que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; • Concebe organizações espaciais dominando regras elementares da composição; • Entende o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa de formas; • Concebe formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada; • Compreende a geometria plana como possíveis interpretações da natureza e princípios organizadores das formas; • Concebe e organiza com equilíbrio os espaços bidimensionais; • Identifica conceitos em obras artísticas e aplica os conhecimentos em novas situações; • Procura soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas. |

Estratégias Metodológicas Implementadas

Na segunda aula planificada, a professora irá traçar no quadro a espiral quadricêntrica, ou seja, com quatro centros. A docente, mediante os passos que irá realizar na construção da espiral, dará tempo para que os alunos consigam acompanhar o raciocínio e façam o mesmo na folha de papel de cavalete, onde traçaram anteriormente a espiral bicêntrica e tricêntrica.

Posteriormente será solicitado aos alunos da turma para aplicarem os conhecimentos adquiridos sobre os traçados geométricos. Para tal, a professora irá dar algum tempo para que os alunos possam tirar dúvidas acerca dos traçados geométricos dados anteriormente.

De seguida, a turma terá de pegar numa folha A3 e começar por fazer a esquadria de 5 centímetros, a toda a volta. Depois, os alunos terão de elaborar uma composição visual onde utilizem pelo menos 2 espirais diferentes e várias linhas curvas concordantes, com diversas orientações espaciais. De referir que a turma poderá realizar uma moldura a toda a volta da composição visual, utilizando as linhas curvas concordantes, tendo já sido pedida a esquadria de 5 centímetros para o efeito.

Para finalizar a aula a turma é convidada a visualizar um PowerPoint sobre o Abstraccionismo Geométrico, havendo espaço para um diálogo sobre o que foi visto.

Bibliografia empregue:

- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “*Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*”. Ministério da Educação. Lisboa.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “*Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico. Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo*”.
- JANSON, H. W. (2005) – “*História da Arte*”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- PEREIRA, José Fernandes, (1995) – “*História da Arte – 12º ano*”. Texto Editora. Lisboa.
- PINTO, Ana Lúcia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas, (2008) – “*História da Cultura e das Artes*”. Ensino Profissional – nível 3: Porto Editora. Porto.

OBSERVAÇÕES:

Tabela 7 – PLANO DE AULA 3.2 DE EV

- Identifica conceitos em obras artísticas e aplica os conhecimentos em novas situações;
- Procura soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas.

Estratégias Metodológicas Implementadas

Na terceira aula programada neste plano de unidade, os alunos terão a possibilidade de saírem do contexto sala de aula e irem ao Teatro Ribeiro Conceição, em Lamego, para visualizarem a exposição intitulada “Recriações”. A visita em questão tem como objectivos contactar com novas técnicas, observar, interpretar e descrever soluções técnicas, reconhecer a importância das Artes Visuais, visualizar diferentes meios expressivos de representação, compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos e reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes. Ainda no espaço da exposição os alunos terão a oportunidade de falarem sobre o que estão a visualizar, bem como de sugerirem diferentes soluções técnicas para além das que observaram.

Orçamento:

- A visita à exposição é gratuita, bem como a deslocação visto que é feita a pé.

Bibliografia empregue:

- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “*Curriculo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*”. Ministério da Educação. Lisboa.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “*Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico. Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo*”.
- JANSON, H. W. (2005) – “*História da Arte*”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- PEREIRA, José Fernandes, (1995) – “*História da Arte – 12º ano*”. Texto Editora. Lisboa.
- PINTO, Ana Lídia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas, (2008) – “*História da Cultura e das Artes*”. Ensino Profissional – nível 3. Porto Editora. Porto.

OBSERVAÇÕES:

Tabela 8 – PLANO DE AULA 3.3 DE EV

Estratégias Metodológicas Implementadas

Nesta aula os alunos terão de terminar os traçados geométricos iniciados na segunda aula, ou seja, terão de elaborar uma composição visual onde utilizem pelo menos 2 espirais diferentes e várias linhas curvas concordantes, com diversas orientações espaciais. De referir que a turma poderá realizar uma moldura a toda a volta da composição visual, utilizando as linhas curvas concordantes, tendo já sido pedida a esquadria de 5 centímetros para o efeito. Para a actividade referida, a professora dará aproximadamente 60 minutos. Para finalizar a aula, a turma será convidada a ver um PowerPoint sobre a Arte Portuguesa até aos anos 60, seguindo-se um diálogo sobre o que foi visto.

Bibliografia empregue:

- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “*Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*”. Ministério da Educação. Lisboa.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “*Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico. Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo*”.
- JANSON, H. W. (2005) – “*História da Arte*”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- PEREIRA, José Fernandes, (1995) – “*História da Arte – 12º ano*”. Texto Editora. Lisboa.
- PINTO, Ana Lúcia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas, (2008) – “*História da Cultura e das Artes*”. Ensino Profissional – nível 3. Porto Editora. Porto.

OBSERVAÇÕES:

Tabela 9 – PLANO DE AULA 3.4. DE EV

| Agrupamento de Escolas da Sé - Lamego Escola Básica e Secundária da Sé – Lamego | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Disciplina / Turma: Educação Visual 8º A Público-alvo: Alunos do 8º ano de escolaridade | Horário: Sexta-feira: 10H e 15m às 11H e 45m | Estagiária: Patrícia Pinto |
| Unidade Curricular Nº3: Traçados Geométricos | Plano de aula 3.5. do dia: 18-02-2011 Nº de aulas previstas: 8 sessões | Início: 10H e 15m Fim: 11h 45m |
| Conteúdos | Áreas de Exploração | Resultados de Aprendizagem |
| <p><u>Comunicação Visual</u></p> <p><u>Elementos da forma</u></p> | <p><input checked="" type="checkbox"/> <u>Desenho</u></p> <p><input checked="" type="checkbox"/> <u>Pintura</u></p> <p><input type="checkbox"/> <u>Escultura</u></p> | <ul style="list-style-type: none"> • Compreende que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; • Concebe organizações espaciais dominando regras elementares da composição; • Entende o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa de formas; • Concebe formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada; • Compreende a geometria plana como possíveis interpretações da natureza e princípios organizadores das formas; • Concebe e organiza com equilíbrio os espaços bidimensionais; • Compreende que a percepção visual das formas envolve a interacção da luz - cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc; • Compreende os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente; • Utiliza os efeitos da cor na melhoria da qualidade do ambiente; • Aplica os conhecimentos adquiridos sobre a cor – Sensação e a influência da cor no comportamento; • Compreende a cor dos objectos como resultado da absorção e reflexão selectivas das ondas luminosas pela matéria; • Compreende as diferenças entre a síntese aditiva da luz e a síntese subtractiva dos pigmentos; |

| | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Conhece as cores primárias e secundárias da síntese aditiva e as sínteses substractiva e conhece as suas aplicações. • Identifica conceitos em obras artísticas e aplica os conhecimentos em novas situações; • Procura soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas. |
| Estratégias Metodológicas Implementadas | | |
| <p>Nesta aula, durante sensivelmente 20 minutos, a turma começará por visualizar um PowerPoint sobre a Op Art e depois haverá um diálogo com os alunos sobre todos os PowerPoints visualizados nas aulas anteriores, de modo a verificar de que forma a informação e ideias retidas dessa visualização poderão vir a influenciar a sua forma de expressão artística.</p> <p>Posteriormente ser-lhes-á dado o tempo restante da aula para que possam aplicar a técnica da pintura na composição visual iniciada anteriormente, utilizando apenas os marcadores como meio riscador. É importante referir que nesta fase será pedido aos alunos para utilizarem e desenvolverem o domínio técnico, aplicando as cores neutras associadas a outras cores, tais como cores frias e quentes, primárias e secundárias e complementares. Deve referir-se que a turma já trabalhou, no início do 1º período, o conteúdo da cor. Esta fase do trabalho terá como principal objectivo desenvolver a criatividade, procurando soluções originais e diversificadas.</p> <p>Bibliografia empregue:</p> <ul style="list-style-type: none"> • DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “<i>Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais</i>”. Ministério da Educação. Lisboa. • DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “<i>Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico. Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo</i>”. • JANSON, H. W. (2005) – “<i>História da Arte</i>”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. • PEREIRA, José Fernandes, (1995) – “<i>História da Arte – 12º ano</i>”. Texto Editora. Lisboa. • PINTO, Ana Lúcia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas, (2008) – “<i>História da Cultura e das Artes</i>”. Ensino Profissional – nível 3. Porto Editora. Porto. | | |

OBSERVAÇÕES:

Tabela 10 – PLANO DE AULA 3.5 DE EV

| | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Conhece as cores primárias e secundárias da síntese aditiva e as sínteses substractiva e conhece as suas aplicações. • Identifica conceitos em obras artísticas e aplica os conhecimentos em novas situações; • Procura soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas. |
| Estratégias Metodológicas Implementadas | | |
| <p>Nesta aula será dada aos alunos a oportunidade de desenvolverem a criatividade ao aplicarem a técnica da pintura na Composição Visual iniciada em aulas anteriores. É de salientar que os alunos apenas utilizarão os marcadores como meio riscador.</p> <p>É importante referir que na última aula já tinha sido pedido aos alunos para utilizarem e desenvolverem o domínio técnico, aplicando as cores neutras associadas a outras cores, tais como cores frias e quentes, primárias e secundárias e complementares. Deve referir-se que a turma já trabalhou, no início do 1º período, o conteúdo da cor. Esta fase do trabalho terá como principal objectivo desenvolver a criatividade, procurando soluções originais e diversificadas, havendo oportunidade de verificar de que forma a informação e ideias retidas da visualização dos PowerPoints poderão influenciar a forma de expressão artística de cada aluno.</p> <p>Bibliografia empregue:</p> <ul style="list-style-type: none"> • DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “<i>Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais</i>”. Ministério da Educação. Lisboa. • DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “<i>Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico. Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo</i>”. • JANSON, H. W. (2005) – “<i>História da Arte</i>”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. • PEREIRA, José Fernandes, (1995) – “<i>História da Arte – 12º ano</i>”. Texto Editora. Lisboa. • PINTO, Ana Lúcia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas, (2008) – “<i>História da Cultura e das Artes</i>”. Ensino Profissional – nível 3. Porto Editora. Porto. | | |

OBSERVAÇÕES:

Tabela 11 – PLANO DE AULA 3.6 DE EV

| | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Conhece as cores primárias e secundárias da síntese aditiva e as sínteses substractiva e conhece as suas aplicações. • Identifica conceitos em obras artísticas e aplica os conhecimentos em novas situações; • Procura soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas. |
| Estratégias Metodológicas Implementadas | | |
| <p>Nesta aula será dada aos alunos a oportunidade de desenvolverem a criatividade ao aplicarem a técnica da pintura na Composição Visual iniciada em aulas anteriores.</p> <p>Nesta aula será dada aos alunos a oportunidade de continuarem a desenvolver a criatividade ao aplicar a técnica da pintura na Composição Visual iniciada em aulas anteriores. É de salientar que os alunos apenas utilizarão os marcadores como meio riscador.</p> <p>É importante referir que os alunos para desenvolverem o domínio técnico, poderão aplicar as cores neutras associadas a outras cores, tais como cores frias e quentes, primárias e secundárias e complementares. Deve referir-se que a turma já trabalhou, no início do 1º período, o conteúdo da cor. Esta fase do trabalho terá como principal objectivo desenvolver a criatividade, procurando soluções originais e diversificadas, havendo oportunidade de verificar de que forma a informação e ideias retidas da visualização dos PowerPoints poderão influenciar a forma de expressão artística de cada aluno.</p> <p>Bibliografia empregue:</p> <ul style="list-style-type: none"> • DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “<i>Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais</i>”. Ministério da Educação. Lisboa. • DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “<i>Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico. Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo</i>”. • JANSON, H. W. (2005) – “<i>História da Arte</i>”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. • PEREIRA, José Fernandes, (1995) – “<i>História da Arte – 12º ano</i>”. Texto Editora. Lisboa. • PINTO, Ana Lídia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas, (2008) – “<i>História da Cultura e das Artes</i>”. Ensino Profissional – nível 3. Porto Editora. Porto. | | |

OBSERVAÇÕES:

Tabela 12 – PLANO DE AULA 3.7 DE EV

| | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | pigmentos; • Conhece as cores primárias e secundárias da síntese aditiva e as sínteses subtrativa e conhece as suas aplicações. • Identifica conceitos em obras artísticas e aplica os conhecimentos em novas situações; • Procura soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas. |
| Estratégias Metodológicas Implementadas | | |
| <p>Na oitava e última aula, os alunos terão de terminar a Composição Visual, em aproximadamente 30 minutos, aplicando a técnica da pintura iniciada em aulas anteriores, utilizando os marcadores como meio riscador. Esta fase do trabalho terá como principal objectivo desenvolver a criatividade, procurando soluções originais e diversificadas, havendo oportunidade de verificar de que forma a informação e ideias retidas da visualização dos PowerPoints poderão influenciar a forma de expressão artística de cada aluno.</p> <p>De seguida far-se-á a exposição dos trabalhos realizados e ao respectivo registo fotográfico.</p> <p>Haverá ainda espaço para um diálogo aberto entre aluno / professora e verificação do nível das respostas aos problemas.</p> <p>Por último, será feita a auto e hetero-avaliação dos projectos realizados e dada uma opinião qualitativa por parte da professora, no contexto de uma reflexão conjunta. Será também pedido aos alunos o preenchimento de uma ficha de auto-avaliação, referente ao Plano de Unidade em questão.</p> <p>Bibliografia empregue:</p> <ul style="list-style-type: none"> • DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais”. Ministério da Educação. Lisboa. • DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) – “Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico. Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo”. • JANSON, H. W. (2005) – “História da Arte”. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. • PEREIRA, José Fernandes, (1995) – “História da Arte – 12º ano”. Texto Editora. Lisboa. • PINTO, Ana Lúcia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas, (2008) – “História da Cultura e das Artes”. Ensino Profissional – nível 3. Porto Editora. Porto. | | |

OBSERVAÇÕES:

Tabela 13 – PLANO DE AULA 3.8 DE EV

APÊNDICE 2 - FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO - PLANO DE UNIDADE INTITULADO “TRAÇADOS GEOMÉTRICOS”

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA SÉ - LAMEGO

Nome: _____ Ano: 8º Turma: A N.º _____

| PLANO DE UNIDADE “TRAÇADOS GEOMÉTRICOS” De 21-01-2011 a 11-03-2011 | DESEMPENHO | | | | | |
|--------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|----------|--------------|-----------|-----|-----|
| | Não Satisfaz | Satisfaz | Satisfaz Bem | Excelente | Sim | Não |
| | <u>APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS:</u> | | | | | |
| Acompanhou o raciocínio | | | | | | |
| Realizou os traçados geométricos | | | | | | |
| | <u>REALIZAÇÃO DA COMPOSIÇÃO VISUAL:</u> | | | | | |
| Aplicação dos traçados geométricos | | | | | | |
| Rigor | | | | | | |
| Equilíbrio na composição | | | | | | |
| Domínio da técnica de pintura | | | | | | |

| VALORES E ATITUDES | Poucas vezes | Muitas vezes | Sempre |
|-------------------------------------------------|--------------|--------------|--------|
| Relacionei-me bem com os colegas e professoras; | | | |
| Tive um comportamento adequado à aula; | | | |
| Fui assíduo e pontual; | | | |
| Fui autónomo(a) a realizar os trabalhos; | | | |
| Mostrei empenho e persistência; | | | |

| | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------|--|--|--|
| Fui responsável (materiais) e interessado (actividades); | | | |
| Mantive o local de trabalho limpo e organizado; | | | |
| Respeitei as normas de segurança na utilização dos materiais e ferramentas; | | | |
| No trabalho apliquei com facilidade as técnicas ensinadas e os materiais utilizados. | | | |

Considero que neste Plano de Unidade mereço o nível:

Justificação: _____

Data: 11 / 03 / 2011

APÊNDICE 3 - DVD



Prática de Ensino Supervisionada em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Patrícia Daniela Lixa Pinto

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a
obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino*

Orientado por
Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho

Bragança
2011

